

UNIVERSIDADE ESTADUAL DE GOIÁS

UNIDADE UNIVERSITÁRIA DE GOIÁS

GIULLIANE FERNANDA SILVA

**FESTA EM LOUVOR A NOSSA SENHORA DO PERPÉTUO SOCORRO: um estudo sobre práticas, representações de sociabilidade e relações de poder na cidade de Mozarlândia. (1968 – 2009)**

Goiás – GO

2010

GIULLIANE FERNANDA SILVA

**FESTA EM LOUVOR A NOSSA SENHORA DO PERPÉTUO SOCORRO: um estudo sobre práticas, representações de sociabilidade e relações de poder na cidade de Mozarlândia. (1968 – 2009)**

Monografia apresentada ao curso de História da Universidade Estadual de Goiás, Unidade Universitária de Goiás-GO, como um dos requisitos para a obtenção do grau de licenciatura em História.

**Orientadora:** Prof<sup>a</sup>. Ms. Raquel Miranda Barbosa

Goiás – GO

2010

GIULLIANE FERNANDA SILVA

**FESTA EM LOUVOR A NOSSA SENHORA DO PERPÉTUO SOCORRO: um estudo sobre práticas, representações de sociabilidade e relações de poder na cidade de Mozarlândia. (1968 – 2009)**

Monografia apresentada no dia 26/11/2010 à Banca Examinadora, como requisito para a obtenção do grau de Licenciatura em História da Universidade Estadual de Goiás, Unidade Universitária de Goiás.

**Membros da Banca Examinadora**

---

Prof<sup>a</sup>. Ms. Raquel Miranda Barbosa – Orientadora/UEG

---

Prof<sup>o</sup> Dr<sup>o</sup>. Eduardo Gusmão de Quadros / UEG

---

Prof<sup>o</sup>. Ms. Clovis Carvalho Britto / UNB

Goiás – GO

2010

Dedico esse trabalho aos meus amados pais, pela inabalável dedicação à formação sólida e saudável proporcionada a mim, pela educação que me deram, por seus erros e acertos, pelo amor que me dedicaram, pelos desafios que me impuseram e que foram fundamentais para que me tornasse o ser humano determinado que sou.

Ao meu namorado, Marcus Antônio, que me incentivou, ajudou e instigou para que esse trabalho de pesquisa se concretizasse, muitas vezes tendo que abdicar de meu convívio e dividir com esse, meu tempo dedicado a ele. Por todo carinho e motivação para virar cada página da minha vida e por compartilhar comigo sucessos e insucessos.

À professora Dr<sup>a</sup>. Maria Meire de Carvalho, ex professora da UEG, e também à coordenadora do curso de história professora Elizabeth Maria de Fátima Borges, minha “Mãezona” pelo incentivo e pela dedicação voltada ao sucesso de seus alunos.

Aos meus amigos e familiares, verdadeira inspiração para minha, em especial aos inesquecíveis amigos que encontrei durante essa jornada.

## AGRADECIMENTOS

Primeiramente a Deus, pela força e perseverança que tanto me incentivou para que conseguisse chegar onde cheguei, e pelo caminho que transcorri até o término do curso. Por abrir caminhos e me dar força e determinação para remover todas as pedras e obstáculos com perseverança, e por iluminar minhas escolhas diante de tantas oportunidades que a vida nos oferece a cada dia.

Aos professores, que tive oportunidade conhecer e conviver ao longo do caminho percorrido, que transmitiram sólidos conhecimentos, necessários a minha formação e a vida profissional, enfim, que realmente fizeram diferença, acrescentando experiências e emoções a minha vida, inspiração e sabedoria, e pelas raízes e fontes de sua sabedoria.

Ao professor Dr<sup>o</sup>. Eduardo Gusmão Quadros, pela oportunidade e confiança depositada.

Ao Clovis Carvalho Britto, pelas sugestões que tanto contribuíram para a construção deste trabalho.

Enfim, agradecer a todos, que de uma forma ou outra contribuíram para realização desse trabalho, e pela confiança depositada e por abrir as portas para o mundo da sabedoria, através de uma rica troca de conhecimentos.

Algumas vezes, em alguns dias seguidos, em uma noite, em um momento breve, mas único, as pessoas deixam de ser quem são nos outros dias, nos outros momentos, em outras horas da semana, e se entregam à festa.

Carlos Rodrigues Brandão

## RESUMO

A função da história também é recontar, assim este trabalho tem por finalidade um estudo sobre práticas, representações de sociabilidade e relações de poder, na festa em louvor a Nossa Senhora do Perpétuo Socorro, na cidade de Mozarlândia, entre os anos de 1968 a 2009. Sob o ponto de vista de discussões historiográficas, cultura popular e manifestações religiosas. Em um dado momento, faz-se a (re) construção da história local desde 1755, a partir do primeiro núcleo populacional na região, para que se possa conhecer a história da cidade, palco da tradicional festa. Em outro retrata a força do catolicismo popular no Brasil e no Estado de Goiás, bem como a importância dos Redentoristas para a criação da Diocese de Rubiataba-Mozarlândia e a forte presença na Paróquia de Mozarlândia, com a devoção à referida Santa. Por último, analisa-se a festa, retratando as transformações ocorridas após a chegada do Frigorífico Bertin em meados dos anos 2000. O estudo foi pautado em autores de cunho histórico, tais como Pesavento, Bertran, Del Priore, e outros, discutindo as singularidades da festa.

Palavras-chave: História Local. Catolicismo popular. Festa. Economia e Poder.

## **ABSTRACT**

The function of history also is to recount, thus this work has for purpose a study on practical, representations of sociability and relations of being able, in the party in louver Ours Lady of the Perpetual Aid, in the city of Mozarlândia, enters the years of 1968 the 2009. Under the point of view of historical quarrels, popular culture and religious manifestations. In data moment, we make (reverse speed) construction of local history since 1755, from the first population nucleus in the region, so that if it can know the history of the city, stage of the traditional party. In another one we portray the force of the popular catholicism in Brazil and the State of Goiás, as well as the importance of the “Redentoristas” for the creation of the “Diocese” of Rubiataba-Mozarlândia and the strong presence in the Parish of Mozarlândia, with the devotion to the related Saint. Finally, we analyze the party after, portraying the occurred transformations the fond one of the “Frigorífico Bertin” Cold storage room in middle of years 2000. The study it was pautado in authors of historical matrix, such as Pesavento, Bertran, Del Priore, and others, arguing the singularities of the party.

Key-words: Local History. Popular Catholicism. Party. Economy and Power.



## SUMÁRIO DE ILUSTRAÇÕES

Mapa 1 – Mapa da posição Geográfica do Município de Mozarlândia.....	15
Tabela 1 - Origem da População.....	33
Figura 1 - Brasão da Diocese de Rubiataba-Mozarlândia.....	50
Mapa 2 - Mapa da Diocese de Rubiata-Mozarlândia.....	53
Foto 1 - Ícone de Nossa Senhora do Perpétuo Socorro.....	58

## SUMÁRIO

INTRODUÇÃO.....	11
1 MOZARLÂNDIA? ONDE FICA ISSO? (RE) CONSTRUINDO A HISTÓRIA LOCAL: PALCO DA TRADICIONAL FESTA EM LOUVOR A NOSSA SENHORA DO PERPÉTUO SOCORRO.....	13
1.1 Arraial de São Miguel das Tesouras e a extração de ouro.....	19
1.2 “Queria fazê daqui uma terra só de cearense”.....	26
1.3 Mozarlândia: “A princesinha do Araguaia”.....	33
2 A RELIGIOSIDADE NO BRASIL E NO ESTADO DE GÓIAS: O ENCONTRO ENTRE CATOLICISMO OFICIAL E CATOLICISMO POPULAR.....	36
2.1 A força do Catolicismo Popular no Brasil e a Romanização: o catolicismo popular visto pela Igreja como uma imoralidade.....	39
2.2 A propagação do Catolicismo Popular em Goiás: conservação de valores morais e éticos.....	44
2.3 A igreja Católica e o problema com os fiéis: Ação dos Redentoristas no Brasil e no Estado de Goiás.....	45
2.4 A criação da Prelazia Rubiataba – Mozarlândia: sob a Congregação dos missionários Redentoristas.....	49
2.5 A Criação da Paróquia da Nossa Senhora do Perpétuo Socorro.....	55
3 A ALEGRIA DE FESTEJAR: “UM CONJUNTO DE CRENÇAS SEM DOCTRINAS E DE PRÁTICAS COLETIVAS SEM TEORIA”.....	62
3.1 Festa em Louvor a Nossa Senhora do Perpétuo Socorro: um estudo sobre práticas de sociabilidades.....	64
3.2 A festa em louvor a Mãe Perpétua sendo construída através da memória coletiva.....	71

3.3 A “invenção das tradições” e a sobrevivência do tradicionalismo.....	76
CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	83
FONTES.....	85
REFERENCIAS.....	87
ANEXOS.....	92

## INTRODUÇÃO

Toda cidade possui sua história, suas riquezas e dentre a mais curiosa delas está a cultura. Aos poucos foi surgindo à curiosidade de pesquisar algo mais sobre a cidade de Mozarlândia. Durante a pesquisa percebe-se que a religião é um tema que chama bastante atenção, e indubitavelmente as festas como manifestações religiosas e culturais tomam conta das representações sociais, econômicas, e representações de poder.

Partindo da festa religiosa como objeto de pesquisa, surgiram problemas relacionados a esta manifestação, estes que perduraram as investigações, e outros foram surgindo no decorrer desta. Quais foram os critérios utilizados para escolha da Padroeira? Qual a área de atuação – devoção da santa? Qual o verdadeiro intuito da festa? Porque atualmente a festa é feita em maio, e não em junho, já que é o mês para se comemorar? Perceber se a devoção seria o principal fator que leva as pessoas à participarem da festa.

A pesquisa foi dividida em 03 (três) capítulos. Sendo que no primeiro situa o leitor no contexto histórico e geográfico em que se encontra a cidade de Mozarlândia, palco da tradicional festa, apoiando-se em Silva (1999), buscando a importância da história local, que vem aos poucos ganhando destaque na historiografia. Para tanto foi possível revistar o passado desde os anos de 1755, quando se deu o primeiro núcleo populacional na região.

No segundo capítulo, faz-se um breve estudo de religião e religiosidade, tomando por base as ideias de Herman (1997), Del Priore (1995) que ofereceram uma abordagem acerca da chegada do Catolicismo Oficial no Brasil, e como se deu o encontro com Catolicismo Popular, difundido por outros credos. Relembra-se a trajetória de Dom Eduardo Duarte, o Bispo romanizador, a procura de solucionar a propagação do catolicismo e as festas religiosas, trouxe os Redentoristas para o Brasil e para o Estado de Goiás.

Finalizando, com o terceiro capítulo, discute-se o objeto de pesquisa em questão, a festa em louvor a padroeira Nossa Senhora do Perpétuo Socorro,

mostrando sua iniciação, levantando os problemas oriundos do capitalismo desta, bem como remontando conceitos de festa. Neste capítulo apresenta-se discussões sobre o que levam as pessoas a participarem da festa. Percebe-se que a festa religiosa virou palco de poder e relações comerciais.

De tal forma as inquietações elencadas no decorrer deste, são percebidas dentro do universo social da festa, que virou palco de diversidades. Partindo do viés religioso, social-político, o intuito da festa multiplicou-se, tornando cada vez mais difícil perceber qual a intenção da festa, que ficou esclarecido com a participação dos testemunhos orais,

[...] na história oral, o objeto de estudo do historiador é recuperado e recriado por intermédio da memória dos informantes; a instância da memória passa, necessariamente, a nortear as reflexões históricas, acarretando desdobramentos teóricos e metodológicos importantes [...] (FERREIRA E AMADO, 1998, p. XIV)

Em suma, investiga-se as práticas e representações, buscando historicamente, pois um importante papel para o historiador, é também registrar, para que não fique como muitos acontecimentos esquecidos no passado, sem valorização, “o historiador é equiparado a um detetive, pois é responsável pela decifração de um enigma, pela elucidação de um enredo” (GINZBURG apud PESAVENTO, 2005, p.63) discutindo as sociabilidades e sensibilidades presentes nas relações de poder.

## **1 MOZARLÂNDIA? ONDE FICA ISSO? (RE) CONSTRUINDO A HISTÓRIA LOCAL: PALCO DA TRADICIONAL FESTA EM LOUVOR A NOSSA SENHORA DO PERPÉTUO SOCORRO**

O intuito deste primeiro capítulo é mostrar como foi o primeiro núcleo de povoação na região de Mozarlândia, Estado de Goiás, compreendendo a importância do Arraial das Tesouras que surgiu em 1755 e que ficou esquecido.

De acordo com Francisco Ribeiro Silva (1999) é necessário conhecer a história de sua cidade, para valorizá-la e amá-la, pois cada um se insere e se realiza em sua família, em sua comunidade. Com base nessa colocação, torna-se necessário investigar sobre a cidade de Mozarlândia, buscando pesquisar as singularidades desta cidade, especialmente sobre o prisma da Festa em Louvor a Nossa Senhora do Perpétuo Socorro.

Ao iniciar os estudos sobre esta cidade nos deparamos com a história do Arraial das Tesouras, e isso se tornou um desafio, descobrir porque motivo ficou apagado no tempo, um silêncio que antecede o surgimento oficial da cidade de Mozarlândia em 1952, e, portanto, convido-o a “navegar” na (re) construção da história de Mozarlândia. Silva enfatiza que,

Poderíamos responder de imediato que a História visa o Homem e que a vida de cada homem se desenvolve nos pequenos espaços. Por isso o amor à terra pode constituir uma boa razão para a História Local, porque o amor é mais perfeito e mais forte quando se apóia no conhecimento. Quem conhece a História da sua terra pode amá-la com mais consciência. (SILVA, 1999, p. 1)

Partindo de obras e entrevistas, levantamos dados suficientes para buscar no passado a história de Mozarlândia, e assim construir a história local. O objeto de pesquisa é a festa em louvor a padroeira da cidade, sendo importante ressaltar que as festas religiosas estão presentes, desde o Arraial, pois existiu a Paróquia de São Miguel, e realizavam festas em louvor a ele. Por ser uma festa tradicional e bastante afamada, e por isso, pretende-se situar o leitor no espaço onde ocorre esta festividade analisando historicamente as representações de sociais e as possíveis

relações de poder, existente nesta Festa entre os anos de 1968 a 2009, percebendo a influência de um setor agroindustrial, que abalou as estruturas da cidade e influenciou a cultura da festa.

Johann Emanuel Pohl (1976) em sua Viagem ao Interior do Brasil passou pela região que atualmente é a Cidade de Mozarlândia, por volta de 1819, esteve em Crixás, que ficava a dez léguas, e escreveu em seu Diário de Viagem, sobre o que restava das ruínas do Arraial de Tesouras,

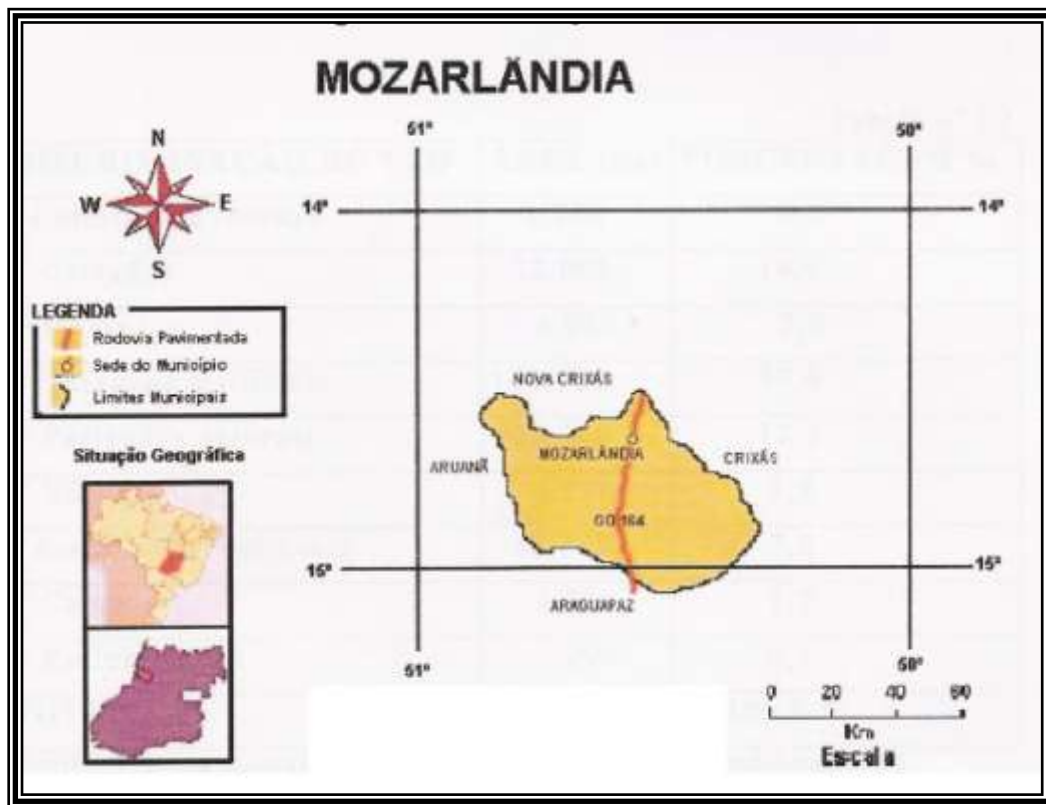
[...] que fica a dez léguas daqui (na estrada de Santa Rita), está inteiramente despovoado. As casa e a igreja desmoronaram e só 3 ou 4 negros velhos, quais fantasmas, vivem sob os destroços. Tesouras tira o seu nome dos pássaros, que ali vivem em bandos, e que abrem e fecham as penas da cauda lembrando uma tesoura. Anteriormente se chamava o lugar São Miguel, era muito aurífero e povoado. (POHL, 1976, p. 186).

A cidade de Mozarlândia, conta com uma história marcada por três fases de cultura de migração da extração do ouro ao Bertin: primeiro em 1755 com a formação do primeiro núcleo de povoamento pelos bandeirantes, Arraial das Tesouras e pela extração de ouro; segundo em 1952, onde realmente surgiu o interesse em fundar uma cidade, com a vinda de nordestinos, em busca de terras e outros pela oferta de trabalho em grandes fazendas; por último em 2000 com a instalação de um agroindustrial, do qual trouxe muitos migrantes à procura de emprego.

Mozarlândia está localizada no interior do Estado de Goiás, a 300 km, de Goiânia, Capital do Estado. Fica a 320 metros em relação ao nível do mar, possui um clima tropical e uma área de unidade territorial de 1.734,36 Km<sup>1</sup>. Tem como municípios limítrofes: ao norte, com o divisor natural, o rio Tesouras, a cidade de Nova Crixás; ao sul, o Ribeirão Alagadinho e o Córrego da Lagoinha, a cidade de Araguapaz; ao leste, também o Rio Tesouras, a cidade de Crixás, e ao Oeste, tendo o divisor Rio do Peixe, a cidade de Aruanã, o que pode ser visualizado no mapa da página seguinte:

---

<sup>1</sup> Disponível em: <http://www.ibge.gov.br/cidadesat/painel/painel.php?codmun=521400>. Acessado em 15/08/2010, as 15:15h.



**Mapa 1 – Mapa da posição Geográfica do Município de Mozarlândia**

**Fonte: M.M.E – D.N.P.M. – Adaptação: LIMA, Jose Alberto. 2004**

O município conta com três rodovias estaduais: a GO 164 (conhecida como estrada do boi), rodovia de maior circulação e grande importância, pois é por ela que se tem acesso a capital, sendo uma rodovia pavimentada; a GO 334 e 347, ambas não pavimentadas que dão acesso apenas à zona rural, de grande importância para o transporte de pequenos e grandes proprietários de terras.

De acordo com a última estimativa do Instituto Brasileiro Geográfico e Estatístico (IBGE), em 2009, há aproximadamente 14.073<sup>2</sup> habitantes na cidade de Mozarlândia, no entanto acredita-se que tenha acontecido um equívoco, pois a cidade possui mais habitantes do que se estima, o que poderá ser comprovado após o Censo de 2010.

<sup>2</sup> Disponível em: <http://www.ibge.gov.br/cidadesat/painel/painel.php?codmun=521400>. Acessado em 15/08/2010, as 15h.



A cidade é formada pelos seguintes setores: Central, Santa Mônica, Amaury Torres de Oliveira, Barcus, Barreirinho, Camões, Residencial Nobre, Vila Brasil, Bela Vista, Jaçanã, Paranoá, Dos Lagos I e II, Nova Mozarlândia e o Sol Nascente, estes últimos foram implantados após a chegada do Frigorífico Bertin havendo a necessidade de se criar novos setores, pois os que existiam não comportavam mais casas.

Partindo da necessidade de levar a todos o conhecimento do que aconteceu nessa região há 255 anos, uma vez que o passado da cidade é pouco conhecido e vale voltar no tempo e buscar no ímpeto, a história de Mozarlândia.

A cidade de Mozarlândia destacou-se no cenário nacional e mundial após a implantação de uma unidade do Frigorífico Bertin em meados dos anos 2000. Empresa conhecida por ser uma das maiores produtoras e exportadoras de produtos de origem animal da América Latina.

Com o desenvolvimento da cidade a partir da chegada deste agroindustrial, as festas como Pecuária, Carnaval, e a tradicional Festa em louvor a Nossa Senhora do Perpétuo Socorro se intensificaram, passando a serem conhecidas em toda a região e também em outros Estados, por meio de propagandas, amigos, visitantes, familiares, fazendo com que muitas pessoas vão a cidade, para participar das festas.

Importante ressaltar que, os mozarlandeses, conhecem a história de Mozarlândia, partindo dos relatos de Sr. Edgar de Alencar Mota, pioneiro, (vivo), e do Sr. Mozar Mota (falecido) o qual a cidade carrega o nome em homenagem, que chegaram nesta região em 1952, como início do núcleo populacional, estes que desconhecem o Arraial de Tesouras. Eles merecem os créditos, foram lutadores, vieram para o meio do nada, com o intuito de formar um patrimônio de nordestinos, e formou o que hoje se tornou a cidade, conhecida como “Princesinha do Araguaia”.

O Senhor Edgar de Alencar Mota, informa que foi o primeiro a vir para a região, que passou a ser conhecida como Povoado do Barreirinho, distrito de Jeroaquara, chamado como Santa Rita, município de Goiás, chegando em 9 de junho de 1952, até mesmo porque já existiam algumas famílias residentes, porém realmente foi ele que iniciou a demarcação das terras para a criação de um

povoado, mas ele desconhece a idéia de que haviam índios na região, como será discutido a seguir,

(...) isso aqui era deserto, era cerrado. Era sertão, o povo falava que tinha índio, mas aqui tinha aldeia lá em Aruanã, depois que começamos isso aqui, aqui tem muito, mais índio Paraguai, veio do Paraguai, até hoje ainda tem um restinho desse povo, a mulher [...] na vila Brasil, ela é descendente dos índios que veio do Paraguai.<sup>3</sup>

Recontado o passado desta cidade, nota-se que em 1755, foi fundado o Arraial de Tesouras, onde ao encontrar escravos fujões extraíndo ouro, perceberam a riqueza que o local trazia. E assim foi desenvolvido um arraial, e acredita-se que este núcleo populacional, foi destruído pelos índios que habitavam o local.

No ano de 1952, Pedro Ludovico Teixeira, Governador do Estado, determinou que funcionários do Estado viessem demarcar terras para formação de um povoado nesta região, com o intuito de criar uma cidade, aos poucos a notícia se espalhou, e rapidamente pessoas de outros estados como Pernambuco, Minas Gerais se instalaram em fazendas e criaram alguns comércios.

Na época as notícias se espalharam e o então povoado foi elevado a Distrito Barreirinho, muitas terras para se formarem pastos, muita plantação, necessitava de mão-de-obra, muitos homens, peões vieram de todo o território nacional, a procura de emprego. Havia duas pensões, as quais eram lotadas de peões que trabalhavam nas fazendas do município. Viviam em condições de Coronelismo, os grandes proprietários de terra, abusavam dos poderes e ao sair do distrito com caminhões cheios de peões, levavam para trabalhar por meses e meses em suas fazendas, plantavam, colhiam, desmatavam, faziam de tudo, trabalho era o que não faltava, mas em algumas propriedades não viam dinheiro, trabalhavam em troca de comida, e se algum trabalhador ousasse a falar em dinheiro, era amarrado em árvores e ficavam por ali, por muitos dias, apanhavam e muitos eram mortos. Alguns filhos de

---

<sup>3</sup> Entrevista realizada com Edgar de Alencar Mota em 29 de setembro de 2008.

pioneiros contam que estes peões eram mortos, e jogados em fundo de lagos, com pedra amarrado no pescoço, e ali jaz um indigente sem família.

Tais condições não ocorriam somente nas fazendas, dentro do povoado mesmo, viam-se homens armados para todo lado, homens em bares, bêbados, brigas a todo o momento e qualquer discussão era sinal de morte, todos os dias encontravam um morto. Por ser desconhecido, ninguém se importava com que havia acontecido, e muito menos com quem havia feito, era apenas mais um que morria ali naquele povoado. Segundo a memória popular, “o reconhecimento de um processo social maior no qual ‘nós mesmos somos moldados pelo passado’, mas estamos, ao mesmo tempo, sempre relembrando o passado que nos molda” (FENELON, 2000, p. 283).

Festas acontecem sempre, em todos os lugares, e Mozarlândia não fica a mercê destes acontecimentos, juntamente com o aumento populacional, as festas vão surgindo, sempre e mais. As festas religiosas, por um grande período estiveram à frente das outras. Quando surge um povoado, os católicos se movem e se mobilizam o mais depressa para a construção de uma capela, em seguida escolhem a padroeira local e passam a festejá-la, pois

Cada cidade, sociedade ou família possui as suas próprias tradições, e, como são repassadas por pessoas diferentes para épocas também diferentes são modificadas, adaptadas e recriadas. Uma vez que a nossa cultura muda, assim também muda a sociedade em que vivemos. Se continuarmos a repetir gestos e costumes do passado, eles vêm sempre com uma cara nova, com novas palavras, novas cores e novos sentidos. (DEUS e SILVA, 2002, p. 11)

Em 1968 com a criação da Paróquia é passou-se a festejar em louvor a Nossa Senhora do Perpétuo Socorro, Santa entronizada pelos padres redentoristas na cidade como padroeira.

No ano 2000, com a implantação do Frigorífico na cidade de Mozarlândia, iniciou-se uma rápida evolução, um êxodo rural acelerado, de pessoas de todo o território nacional a procura de emprego. Os imóveis foram valorizados, o comércio ganhou maior movimento, benefícios chegaram à cidade e com o grande aumento populacional, houve um índice maior de criminalidade. A cidade, então monótona,

que não contava com grandes perigos passou a viver de “portas trancadas”, aumentando o tráfico de drogas, maior índice de roubos e assassinatos.

Para reconstruir a história de Mozarlândia é necessário voltar à colonização do Brasil, partindo das expedições realizadas pelos bandeirantes na Província de Goiás em busca da exploração do ouro, das riquezas minerais e também relações comerciais organizadas para capturar índios. No entanto esta reconstrução só é possível graças aos relatos, memória viva do povo, e obras publicadas.

### **1.1 Arraial de São Miguel das Tesouras e a extração de ouro**

Ao investigar sobre o passado esquecido de Mozarlândia, é possível encontrar em várias bibliografias acerca de Arraial de Tesouras, e foi graças a estes relatos e observações, que tornou-se possível elencar as hipóteses do que haveria acontecido com este, desconhecido pela população mozarlandense, que teve relevância para os bandeirantes em busca de ouro no Estado de Goiás, por volta de 1755.

Ao afirmar que o descobridor de Goiás foi Anhangüera, não significa que ele tenha sido o primeiro a chegar ao Estado, mas o primeiro com o intuito de fixar-se nessas terras. Descobriram minas de ouro nos Estados de Minas Gerais e em seguida no Mato Grosso. Assim o paulista resolveu pedir licença ao rei para que pudesse organizar uma bandeira para procurar ouro em Goiás, pois a região, era entre os dois lugares em que já haviam encontrado ouro.

É certo que, já no primeiro século da colonização do Brasil, diversas expedições – “entradas”, “descidas”, “bandeiras” – percorreram parte do território atual estado de Goiás, embora não se conservem notícias precisas. Essas expedições, organizadas principalmente na Bahia, centro então da colonização, eram ou de caráter oficial, destinadas a explorar o interior e buscar riquezas minerais, ou de empresas comerciais particulares, organizadas para a captura de índios. (PALACIN, 1994, p. 70)

A bandeira era uma expedição militarmente organizada e comercial, cada participante entrava com uma parcela de capital, ou seja, com certa quantidade de

escravos. Partindo de São Paulo, chegaram à região onde descobriram ouro na cabeceira do Rio Vermelho. A notícia correu e foram surgindo arraiais em torno de córregos e rios, em centros de garimpo. Estes povoamentos mais irregulares e mais instáveis, por serem determinados por mineração de ouro, pois surgem para extração do ouro, e quando este esgota, desaparecem os habitantes, vão para outro lugar.

Em 1755, foi fundado o Arraial de Tesouras, as margens do rio Tesouras, pelo então governador da Província de Goiás, o conde de São Miguel, a 10 léguas ao noroeste de Santa Rita. Recebeu este nome em homenagem a um pássaro preto encontrado nessa região, muito parecido com a viúva, o qual cruza as duas compridas penas da cauda, cujo ato é semelhante a uma tesoura aberta.

Logo após a fundação deste povoado foi construída uma capela, que logo foi elevada a paróquia, sobre a invocação de São Miguel, onde passou se a comemorações em louvor ao padroeiro do Arraial.

José Martins Pereira Alencastre (1979) afirma que, exploraram a região por aproximadamente dois anos, até 1757, esgotado o ouro deixaram o local e o tempo fez com que acabasse qualquer vestígio deste arraial,

Nos primeiros dias do seu governo alguns mineiros de Santa Rita, explorando o rio do Peixe e seus afluentes, descobriram um riquíssimo veio, junto ao qual formou-se desde logo um grande arraial, a que deram o nome de Tesouras. Ai foi levantada uma capela sob a invocação de S. Miguel, em honra ao conde governador; dois anos depois esse povoado era uma paróquia: mas, ou porque se esgotassem as lavras ou porque a população fosse chamada a exercer a sua indústria em pontos mais vantajosos, em pouco tempo rareou a população, desabaram as casas, derrocou-se o templo, desapareceu a paróquia, e, por ultimo, extinguiram-se completamente os vestígios de sua existência. (ALENCASTRE, 1979, p.135)

Luiz Antônio Silva e Souza (1967), declara que o Sr. Conde de S. Miguel, Álvares Xavier Botelho, tomou posse a 30 de agosto de 1755, e foi o primeiro que trouxe ajudantes de ordens da praça do Rio de Janeiro, em conformidade do decreto de 2 de agosto de 1748, que foram o capitão João Pinto e o tenente Antônio Gomes Barbosa. Afirma-se que,

No seu tempo foi o descobridor das Tesouras, que foi vantajoso. Livrou a capitania do subsídio voluntário que se erigiu por ocasião do terremoto, representando a S.M. a situação deste país, que já afrouxava, e perguntando em que devia ser posto este tributo, sôbre o que não teve resposta. Governou três anos, onze meses e nove dias, e demorou-se mais quarenta dias depois da posse de seu sucessor. (SILVA E SOUZA, 1967, p. 24)

O Arraial cresceu muito rápido, vieram à procura do ouro, formando uma população de aproximadamente 1000 habitantes. Em torno deste construíram um muro de pedra e adobe, tipo um forte de aproximadamente quatro a cinco mil metros quadrados, onde ficavam as casas e foi construída a igreja que rapidamente virou Paróquia. Tendo sido descoberto por um capitão-do-mato, a notícia se espalhou rapidamente, vieram os bandeirantes,

[...] floresceu muito enquanto a extração do ouro se não tornou dificultosa, e havia muitos braços para trabalhos. Acabado o ouro e os braços, extinguiu-se o arraial; e as imagens e alfaias da paróquia foram conduzidas para Anta, a cuja freguesia, criada em 9 de junho de 1757[...]. (CUNHA MATOS, 1979, p. 44/45)

Raimundo José Cunha Matos (1979), afirma que a extração de ouro no Arraial de Tesouras, não foi difícil, pois contava com um veiro extenso e a mão de obra abundante, e que em certo momento se depararam com a dificuldade em extrair, pois os que estavam por cima das rochas, já haviam sido retirados, e os trabalhadores estavam diminuindo.

Várias são as versões sobre o fim do Arraial de Tesouras, alguns escritores dizem que os lavrados se esgotaram, outros acreditam que foram ataques indígenas que dizimaram a população deste Arraial.

Paulo Bertran (1978. p, 47) declara que “entre outros fatores avulta o perigo índio. Por ele desapareceram Tesouras e Pontal e obstruía-se a evolução de Crixás, Pilar e todos os núcleos da zona de Tocantins” e enaltece a influência do bispado do Rio de Janeiro,

A Vigairaria das Tzouras, criada de novo pelo Bispo do Rio de Janeiro, minas descobertas de novo em setecentos e cinqüenta (e) suficientemente boas, terá até mil pessoas. Pela parte de Sudoeste não tem limite a sua

Jurisdição porque com o Sertão que está por descobrir. Dista da Vigairaria de Chrixás (sic) quinze léguas. (BERTRAN, 1997, p.90)

Luiz Palacín (1979) acrescenta que a decadência, veio muito rápido a este local, pois a ânsia em explorar a região foi feita com muita pressa, seria por causa dos índios, ou porque havia lugares melhores a se explorar,

Mais tarde, só algum descoberto ocasional de menor vulto: Tesouras (1756), [...] A euforia foi, pois, breve. Ao iniciar-se a década de 1760, a pressa cheia de esperanças dos primeiros dias era apenas uma lembrança e se anunciava como um futuro inevitável o fenômeno “da decadência”. (PALACIN, 1979, p.83)

Bertran (1997) na notícia geral da capitania de Goiás em 1783, relata que “neste tempo deu o Gentio Caiapó em tempo que estavam já lavrados os córregos (e) entraram a despejar os moradores”.

Marivone Matos Chaim (1983), na expectativa de registrar os aldeamentos indígenas em Goiás, cita outra comunidade indígena, que havia tumultuado arraiais do Norte como Tesouras, eram os Xavantes. Enquanto José Vieira Couto de Magalhães (1863) encontrou na região os Canoeiros, que habitavam entre o Rio do Peixe e Tesouras.

Não se pode afirmar qual destes povos indígenas realmente habitavam essa região, pois alguns autores relatam grupos distintos, e sabe-se que os índios Crixás que habitavam a região.

Canoeiros - sobre origem e localização desse grupo existem variadas controvérsias (25). Habitavam local incerto da região Tocantínea, no sertão de Amaro Leite e Rio Formoso. Couto Magalhães (26) os deu como ocupantes dos sertões entre os Rios Peixes e Tesouras. (CHAIM, 1983, p.51)

Couto de Magalhães, quando presidente da Província de Goiás, aproveitou o resultado de anotações em uma exploração em torno do Rio Araguaia, usando os registros e os relatos de viajantes, publicou “Viagem ao Araguaia”, ao executar um trabalho jornalístico, pela necessidade de localizar um novo local para a capital da

Província de Goiás, após a euforia do ouro, e pela ascensão das fazendas e criação de gado, para demonstrar que era viável, a navegabilidade do rio Araguaia, este no centro brasileiro, com maravilhosas praias, abundante flora e fauna.

Couto de Magalhães durante essa expedição encontrou índios na região de Tesouras, os Canoeiros. Índios mais valentes do que qualquer outra tribo, que para atacar escolhem ocasiões oportunas, após uma espionagem incessante, e quando batiam a destruição é certa, pois possuíam ódio profundo contra os brancos. E entre os rios do Peixe e Tesouras, nos sertões de Tesouras, era a morada constante deste feroz Canoeiro,

Em toda parte do norte d'esta província vê-se, assinalada por uma destruição, a passagem d'esta tribo assoladora. A pouca léguas do lugar em que estou jazem as ruínas do extinto arraial de Thesouras, cujos habitantes elles matarão, e assollarão sem a menor piedade, entregando a povoação a um incêndio, que tudo devorou, á excepção das paredes, e muros de pedra, que ainda existem. [...] Usao de armas mais perfeitas do que as outras tribus; servem-se de punhaes, espadas, bayonetas, flexas com ponta de ferro, do qual encontrão sempre ampla provisão nas povoações que assolão. Em nossa comitiva vem o alferes José Rodrigues de Moraes que em 1859 foi encarregado pelo Sr. Gama Cerqueira de bater esses selvagens que atacaram Santa Rita. (COUTO DE MAGALHÃES, 1863, p. 85)

Mary Karasch (1996), assim como Bertran (1997), relata a presença de Índios Caiapó na região, quando diz que,

A oeste de Pilar ficavam as duas vilas mineiras Tesouras e Crixás. Em 1757, um capitão-do-mato localizou as minas do Arraial de Tesouras que estariam sob controle de “cativos foragidos no córrego do Quilombo em cuja área lavraram por algum tempo”. Aparentemente, ele tinha sido enviado para destruir o quilombo porque seus habitantes andavam causando “tantos estragos quanto o gentio caiapó na campanha”. (p. 250)

Acredita-se que gentios, realmente habitavam essa região, antes que fosse fundado o Arraial de Tesouras, assim não concordando com a presença dos brancos, os atacaram de surpresa matando todos os habitantes, salvando apenas os que conseguiram fugir, e depois de expulsá-los atearam fogo em suas casas,



deixando as chamas, destruir tudo o que eles haviam construído, pois alguns relatam que ao passar pelas ruínas do Arraial, tudo foi queimado, e o que ficou no local, não tiraram nada.

Por muitos anos, perduraram as ruínas do Arraial de Tesouras, sem que este local não tivesse sido mais habitado. Bertran (1981), publicou um artigo no Diário da Manhã, provando os vestígios deste Arraial, onde descreve que encontrou um muro de pedra com adobe, de aproximadamente quatro a cinco mil metros quadrados, tendo dois metros de altura, tendo alguns buracos, conhecidas como “seteira”, utilizado para canudo de arma, por onde os habitantes podiam se defender dos índios. Região esta, da mais alta periculosidade de ataques indígenas, nesse tempo. Termina dizendo que,

Pela época, o comandante das guerras contra os índios era um certo coronel Wenceslau Gomes da Silva, e na hipótese que prefiro, o muro de Mozarlândia nada mais que um curral... de prisioneiros índios do coronel Wenceslau. Assim, os orifícios na base do muro se explicariam como pontos de amarração e trespasse, pela barriga ou pelo peito, de uma multidão de índios aprisionados a serem vendidos aos mineradores de Tesouras ou quem sabe até, de negros escravos. O miserável muro de Mozarlândia. E com a palavra, ficam nossos arqueólogos. (BERTRAN, 1981, p.35)

Acreditando na hipótese de que os índios dizimaram os habitantes do local, um confronto entre os índios e os bandeirantes, é atualmente a mais aceita, pois apesar de alguns dizerem que o ouro havia acabado, sabe-se que isso não aconteceu, pois seguindo o veeiro da cidade de Crixás na região da Serra da Pimenta, aproximadamente 255 anos depois, ainda existe uma riquíssima mina de ouro, apta a extração. Pois,

A pouca léguas do lugar em que estou jazem as ruínas do extinto arraial de Tesouras, cujos habitantes elles matarão, e assollarão sem a menor piedade, entregando a povoação a um incêndio, que tudo devorou, á excepção das paredes, e muros de pedra, que ainda existem. (COUTO DE MAGALHÃES, 1863, p. 85)

E prova disso foi à reativação destas minas na década de 80, do século XX, como conta o Sr. Luiz Viera Melo<sup>4</sup> que trabalhou como garimpeiro na época. A extração balançou a economia da cidade, aumentando a quantidade de habitantes, conseqüentemente o comércio acelerou, e melhorou a cidade. Tal extração durou pouco tempo, mas a quantidade de ouro extraído foi surpreendente, e na década de 90, por determinação judicial, houve a paralisação, pois estavam prejudicando o meio ambiente e as máquinas foram apreendidas e o garimpo fechado.

Após uma breve notícia na capital, de um muro de pedra e adobe, nas proximidades de Mozarlândia, Bertran, movido pela curiosidade, foi conhecê-lo, sendo tomado por um mistério desafiador, publicou um artigo sobre as possíveis explicações, e comprovou que no alto do morro, em meio ao cerrado ralo, havia um cercado, quase todo ruído, o que confirma,

Seu esclarecimento passou sem dúvidas pela aventura do descoberto do ouro e pela fundação do Arraial das Tesouras, cujos restos jazem em algum lugar não identificado na base do morro, mineração esta de ouro, iniciada no governo do infeliz Conde de S. Miguel (1755) e que durou pouco. Tesouras aglomerava um movimento mineratório que vinha pela Rio do Peixe rumo ao Vale do Crixás, regiões da mais alta periculosidade de ataques indígenas, nesse tempo.(BERTRAN, 1981, p. 35)

Segundo levantamento de dados, feitos pelo *Projeto Se Liga*<sup>5</sup> realizado pela Secretaria de Indústria e Comércio do Estado de Goiás, há vestígios de que muitos anos atrás viviam índios nessa região, os Avá-Canoeiros e os Karajás.

Após conhecer o que foi o Arraial das Tesouras, que ficou esquecido no tempo, pode-se continuar com a reconstrução a história de Mozarlândia, marcada pelo segundo núcleo de povoamento em detrimento ao surgimento da cidade, para que possa entender a historiografia desta cidade, marcada com a chegada de um agroindustrial. É importante relatar como a seguir, que de um simples povoado,

---

<sup>4</sup> Entrevista realizada com Luiz Vieira Melo em 16 de maio de 2010.

<sup>5</sup> GOÍAS. SEPLAN (Secretaria de Indústria e Comércio do Estado de Goiás). PROJETO SE LIGA, Mozarlândia – GO. Governo Itinerante. Goiânia: Type Propaganda, 2003.

rapidamente foi elevado a distrito de Barreirinho, e por preencher os requisitos necessários, em menos de cinco anos foi elevada a cidade.

## 1.2 “Queria fazê daqui uma terra só de cearense”

Acredita-se que os desbravadores se afastaram devido à presença de ribeirões que proliferaram febres. Conhecido neste tempo como Pouso alto, fazenda de uma das primeiras famílias que se instalaram a de José Camelo, na década de 30, lembrando que a família de Lázaro Crispim foi a primeira a se instalar no Barreirinho. A partir de 1940 outras famílias foram chegando nesta região,

Zé Baiano, Emiliano Gomes, família Assis, João Batistano Córrego do Gato, Pedro Amaro Coelho e outros. O primeiro morador da região em que hoje situa o município de Mozarlândia, foi Lázaro Crispim, juntamente com as famílias Leite, Chagas Guedes, Dédio de Brito e muitas outras.<sup>6</sup>

No início da década de 40, a maior parte dos habitantes do Brasil se concentrava no litoral, e vinham o interior do País, como exótico, atrasado, índios devoradores de pessoas, montanhas de ouro, feras, animais selvagens, roceiros, essas e tantas outras características eram atribuídas, e herdadas dos bandeirantes, eram essas informações passadas por eles, quando voltavam das expedições.

Getúlio Vargas, em seu governo, criou uma estratégia de política econômica denominada *Marcha para o Oeste*<sup>7</sup> para que as pessoas migrassem para a região centro-oeste com o intuito de ocupar essas terras, no centro do Brasil, promovendo a ocupação dos vazios demográficos, produziram matérias primas, de baixo custo para subsidiar a industrialização no sudeste, e diminuiria o desequilíbrio que existia entre as regiões do País.

---

<sup>6</sup> Idem, ibidem.

<sup>7</sup> Política demográfica de incentivo a migração, o progresso e a produção agropecuária, criada por Getúlio Vargas, com o intuito de povoar o Centro-Oeste, onde haviam terras desocupadas.

Para que esse plano tivesse êxito, era necessário criar pontos de apoio em locais periféricos como o Estado de Goiás e assim manteriam com matéria prima, produtos alimentícios, para abastecer o pólo industrial sudeste.

Maria Francimar de Oliviera Agázio, professora em Mozarlândia, percebeu que seus alunos não importavam com a história da cidade, porque não conheciam, e partindo deste pressuposto, começou a pesquisar a respeito do passado do município, para que pudesse contribuir com o saber local dos alunos. E foi ela que impulsionou as investigações acerca desta pesquisa, e que foi enfatizando após realizar algumas pesquisas na Agência Goiana de Cultura Pedro Ludovico Teixeira, onde o ex-governador, Pedro Ludovico Teixeira, impulsionado com a *Marcha para o Oeste*, elaborou um projeto de povoar onde essa região,

Porque era a metade do caminho entre Goiás e São Miguel, que já eram cidades prósperas e [...] haviam os tropeiros que faziam negociações com essas duas cidades e essa nossa região tinha indígenas que atacavam os tropeiros, com isso a idéia da formação do povoado era para proteção desses tropeiros e também pra eles tivessem um local de descanso, uma região muito rica em água em terras propicia a criação do gado [...] e Mozar que era funcionário do Estado foi mandado para a demarcação de terras.<sup>8</sup>

Essa região na época era lugar estratégico que marcava o meio do caminho entre São Miguel do Araguaia e a Cidade de Goiás, cidades prósperas na época, sendo estabelecidas relações comerciais entre si. Assim o governador Pedro Ludovico Teixeira, no desempenho de povoar a região norte do Estado, na busca de desenvolvimento, determinou que fosse planejada e loteada uma cidade neste local e que fizesse com que fazendeiros viessem para a região. Barreira, afirma que a atividade que deu origem a ocupação deste local foi, “a pecuária baseada no gado de corte. Foi esta atividade que praticamente deu origem à ocupação regional e estruturou o espaço tal como se apresenta hoje” (1997, p, 65).

Muitos mineiros, nordestinos e outros, estavam indo em busca de melhorias na região de Rubiataba, e ao chegar ficavam sabendo que na região do Barreirinho,

---

<sup>8</sup> Entrevista realizada com Maria Francimar de Oliveira Agázio em 06 de junho de 2010.

estavam melhores, mais fáceis, terras baratas, recém povoação, e assim partiam para tal região, todos com sonhos, projetos de uma vida melhor,

Não fugindo a regra da atual especulação, Mozarlândia tornou-se um “oásis” para fazendeiros paulistas, mineiros e de outros estados do país, que vieram com o intuito de criar bois e fazer fortunas ínfimos investimentos no município, tendo em vista que os mesmos pagam poucos empregados, compram a maioria dos insumos e viveres em seus locais de origem e por não residirem em Mozarlândia movimentam os recursos oriundos da exploração agropecuária em outros centros. Com isso torna-se zona de atração, de certa forma transformou-se numa das principais regiões do norte goiano por suas belas pastagens e seu rebanho nacionalmente conhecido. (AMARAL, 2006, p. 43/44)

Fenelon Ferreira Camelo<sup>9</sup>, filho de José Camelo, da primeira família, que em meados de 30, habitaram a região, conhecida como Serra do Pouso Alto, conta que na época da Revolução de 30<sup>10</sup> seu pai morava na região que atualmente é a cidade de Aruanã, foi convocado para servir ao Exército, indo para São Paulo. Cabe dizer que os rapazes eram obrigados a servir, pois senão ficavam conhecidos como desertores<sup>11</sup>, e com isso não poderiam fazer documentos, casar e muito menos comprar propriedades, e por isso todos se apresentavam, ou melhor, se alistavam.

Fausto Boris (1972) enfatiza que a mudança das relações entre o poder estatal e a classe operária é a condição do populismo; a perda do comando político pelo centro dominante, associada à nova forma de Estado, possibilitou, a longo prazo, o desenvolvimento industrial, no marco do compromisso como sustentáculo de um Estado que ganha a maior autonomia, em relação ao conjunto da sociedade.

É na Revolução que o peso dos diversos setores sociais será medido pela primeira vez na formação de um novo sistema de governo, originando um Estado

---

<sup>9</sup> Entrevista realizada com Fenelon Ferreira Camelo em 16 de maio de 2010

<sup>10</sup> A revolução de 30, foi a grande crise da política de valorização do café, a violenta crise do capitalismo, em relação à queda da bolsa de valores, (1929). A depressão que assolou os cafeicultores. Foram os limites impostos pelo sistema político oligárquico, uma disputa entre as oligarquias regionais e as Forças Armadas.

<sup>11</sup> Segundo Dicionário Aurélio: Militar que deserta, transfuga. Deixar o serviço militar sem licença.

que, diferentemente da República Velha, vai buscar sua legitimidade nas classes médias e populares ainda em formação, e não nas oligárquicas.

José Camelo ao participar da guerra da revolução de 30, enquanto lutava, pensava que se voltasse vivo, iria habitar a região da serra muito bonita que via desde o Rio do Peixe. Do Rio do Peixe em diante, não se tinha notícia de habitação, e quem sobrevivesse a guerra, teria direito a terra, e assim aconteceu, pegou sua família, em época de seca, e atravessou o rio, por volta de 1932, em direção ao Pouso Alto, onde se instalou e criou sua família, desenvolvendo a terra, formando pasto, plantando, colhendo, caçando e pescando, no meio do cerrado goiano em terras devolutas que “implica a suposição de um espaço livre, limpo, desprovido de ações humanas, mas também é sabido que nem sempre isto se dá desta forma” (BARREIRA, 1997, p.33).

Em seguida foram surgindo outras famílias, e somente em meados de 1952 chegaram a região funcionários do estado, a mando do governador Pedro Ludovico Teixeira, para que fizessem a medição das terras, e como não haviam mais casas por aqui, ficavam na casa do senhor José Camelo, como ponto de apoio, e assim, foi desenvolvendo o trabalho de loteamento da região para um possível povoado, terras boas, planas. Os primeiro loteamentos como apresenta Celene Cunha Monteiro Antunes Barreira (1997) feitos na região foram pelo Escritório de Terras, pois embora a apropriação de terras tenha acontecido na década de 1950, a ocupação das terras não foi nesta faixa,

Os primeiros desses loteamentos, cujo nome era Barra da Pimenta e do Constantino, foi homologado em 22 de setembro de 1952 e localizava-se no atual município de Mozarlândia, numa região que era chamada de Grande Sertão. [...] Só em 1953, a partir de um loteamento urbano feito por Mozart de Andrade Mota, é que surge a primeira aglomeração. Este loteamento da Barra da Pimenta contava com um total de 42 lotes e um área de 13.956 ha. A este se seguiram, na década de 1950, em Mozarlândia, mais 11 loteamentos, num total de 461 lotes e uma área de 221.115 ha, correspondente a 87,30% da área loteada em Mozarlândia. (BARREIRA, 1997, p. 35)

Através do Autógrafo de nº 258, que cria o Distrito de Mozarlândia e dá outras providências, lavrada em livro de autógrafos da lei, na Câmara Municipal de Goiás, em 29 de janeiro de 1958<sup>12</sup>. O distrito estava crescendo de maneira surpreendente, assim rapidamente após cinco anos, preenchendo todos os requisitos para emancipação, o distrito passou então de Barreirinho para cidade de Mozarlândia.

Barreirinho que então era distrito da Cidade de Goiás, conseguiu eleger dois vereadores Clóvis de Abreu e João Leite. Acredita-se que foi Nigel Guido Spenciere, que na época era deputado, conhecido pela população de Barreirinho, que entrou com um projeto de emancipação do distrito na Assembleia Legislativa, e depois de aprovada a Lei Estadual de nº 4.702, foi então assinada pelo então governador Mauro Borges Teixeira em 23 de outubro de 1963.<sup>13</sup>

A presença de nordestinos desde meados dos anos de 1953, até o cenário hodierno, marcado pela cultura de migração se deve ao fato, de que os fundadores de Mozarlândia, foram nordestinos e criaram um ideal de formar um patrimônio apenas de cearense, o que não foi possível, pois a notícia de novas terras, se espalharam em outros territórios.

Tudo começou com Pedro Ludovico Teixeira, que ao determinar que viessem funcionários, agrimensores para esta região, quem assumiu o trabalho foi Mozar Andrade Mota, juntamente com Edgar Mota, que vieram para o “meio do nada” e começaram a trabalhar, fazendo medição de lotes, tirando alqueires de terras. E com este trabalho tiveram a ideia de formar um patrimônio de cearense, mandaram cartas para familiares e conhecidos, do nordeste, para que viessem, pois as terras eram promissoras, e o futuro certo.

Com estes funcionários, deram início à formação de um povoado denominado Barreirinho, e por serem nordestinos, construíram juntos o sonho de fazer um patrimônio somente de nordestinos, como afirma Magalhães, que veio para o recém criado povoado de Barreirinho com sua família, uma vez que seu padrasto Senhor

---

<sup>12</sup> FFSD - Fundação Frei Simão Dorvi, Livro de Autógrafos da lei, Nº 258, 1955.

<sup>13</sup> GOÍAS. SEPLAN (Secretaria de Indústria e Comércio do Estado de Goiás). Projeto Se Liga, Mozarlândia – GO. Governo Itinerante. Goiânia: Type Propaganda, 2003.

Chagas havia recebido um convite de Mozar, e Edgar “Queria fazê daqui uma terra só de cearense”<sup>14</sup>,

Vimos para cá, de caminhão, com o povo rancando os tocos, para conseguir chegar aqui [...] tudo é garajau, mato fechado [...] nós chegamos em Rubiataba, e o Mozar falou, não Chagas, você vai para o Barreirinho, que lá nós vamos formar um patrimônio nordestino, ai ele concordou, porque la tem terra fácil [...] mas meu pai de criação não quis tirar terra, pois achou aqui muito difícil de progredir, comprou só o lote para fazer o barraco e pronto.<sup>15</sup>

Além de vários conhecidos, vieram outras pessoas que ficaram sabendo do recém povoado. Não havia estradas, não passavam carros, apenas cavalos, e foi neste tipo de animal que Mozar e Edgar, chegaram à região. A cidade mais próxima era Rubiataba, e quando precisava ir a ela, era dois a três dias a cavalo, e tudo que precisava comprar, principalmente no começo que não haviam plantações, era buscado nesta cidade. O sonho de conseguir uma vida melhor estava presente nos objetivos das pessoas que vinham para o conhecido Barreirinho, mas o medo, as dificuldades, a fome, doenças, faziam com que as pessoas desistissem deste local, por pensar que nunca iria melhor.

Enquanto isso, Edgar conta que apesar das dificuldades, sempre pensava positivo, e sabia que tudo iria dar certo, e prova disso é olhar a proporção tomada pela cidade, o que comenta com muito orgulho. Edgar fazia a medição das terras e recebia por este trabalho, passava ao possível proprietário o documento das medidas, assim iriam até Instituto de Desenvolvimento Agrário de Goiás<sup>16</sup> e fazia a documentação necessária ao pagamento das terras. Edgar Mota afirma que veio a serviço e viu que o local prosperava fixou moradia,

---

<sup>14</sup> GOÍAS. SEPLAN (Secretaria de Indústria e Comércio do Estado de Goiás). Projeto Se Liga, Mozarlândia – GO. Governo Itinerante. Goiânia: Type Propaganda, 2003.

<sup>15</sup> Entrevista realizada com Sebastiana Bonifácio Magalhães em 21 de setembro de 2008.

<sup>16</sup> Instituto de Desenvolvimento Agrário de Goiás, assim como o Instituto Nacional de Colonização e Reforma Agrária, são órgãos fundiários regionais.



Bom, Mozarlândia surgiu em mil novecentos e cinquenta e dois, cheguei aqui nessa região no dia nove de junho de cinquenta e dois para trabalhar fazendo serviço no Estado, como agrimissor do Estado, e vendia as terras para aqueles colonos, gente que vinha de fora, e depois “criemos” um ideal de fundar uma curruetela.<sup>17</sup>

Outro pioneiro da cidade é Benedito Tomaz Mendanha, que após muito sofrimento, conseguiu criar os filhos, e muito feliz por ver os netos se formando, mas quanto a estudos superiores, até hoje, a cidade deixa a desejar. Pois as famílias que possuem condições, levam os filhos para a capital, para que consiga fazer faculdade, os outros, muitos param os estudos no ensino médio,

Aqui num era, era distrito de Jeruaquara, chamado como Santa Rita, município de Goiás. Então era muito difícil pra vim. Isso começou desde parece que 52, com o loteamento, começaram lá na divisa dos Caiados e vei. Então aqui o Mozar foi e tirou o dele dali, de lá e tirou o meu de cá. E eles pá continua este loteamento eles fizeram uma picada mais ou menos daqui lá pra entroncamento de Nova América, que vinha do Crixás. Então eles fizeram a picada, vinha de cargueiro, de a pé (...) essas coisas maquinas, o dinheiro deles era o recibo que eles dava da medição. E aí o Mozar tirou o dele de lá, aqui era uma região de mata, e então aqui eu tirei o meu de cá. Aí eu vim, já pela picada que eles fizeram, picada que cortava os pau. E aí ele loteou aí, eh lotiou naum, e depois o povo pra chega no loteamento ficava aqui sem saída [...]<sup>18</sup>

De acordo com o Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística, cidades de 2007, vê-se que atualmente os aspectos demográficos apontam a presença de grande número de nordestinos. Pois 50% (cinquenta por cento) das pessoas que habitam a cidade nasceram em estados da região nordestina, e 10% (dez por cento) são mineiros, apenas 30% (trinta por cento) realmente nasceram no estado de Goiás, e 10% (dez por cento) são de outras cidades do estado. Como mostra a tabela abaixo:

---

<sup>17</sup> Entrevista realizada com Edgar Alencar Mota em 29 de setembro de 2008.

<sup>18</sup> Entrevista realizada com Benedito Tomaz Mendanha em 29 de setembro de 2008

50%	Nordestino
30%	Goiano
10%	Mineiro
10%	Outros Estados

**Tabela 1 - Origem da População.**

**Fonte: IBGE Cidades - 2007<sup>19</sup>**

**Org: Giulliane Fernanda Silva**

Partindo do ideal de Mozar, em fundar aqui um patrimônio somente de nordestino, não foi possível, o sonho foi consumado e ele não conseguiu. Atualmente é possível notar a quantidade de nordestino existente em Mozarlândia, que ficou conhecida como a “Princesinha do Araguaia”.

### **1.3 Mozarlândia “A princesinha do Araguaia”**

Conhecida como “Princesinha do Araguaia”, Mozarlândia é palco de várias festividades. A cidade consegue em épocas de festa e feriado, reunir grande quantidade de pessoas, inclusive pessoas que já moraram, e que por um motivo ou outro tiveram que ir embora, mas que não conseguem ficar muito tempo longe.

Muitas coisas aconteceram, o simples núcleo urbano, elevou-se a distrito, em seguida passou a cidade. Em constante modificação, as vezes meio devagar, mas sempre melhorando, e atualmente consegue liderar e se destacar dentro as cidades mais urbanizadas da região do Vale do Araguaia.

A economia da cidade de Mozarlândia baseada na pecuária fez com que grandes fazendeiros na região, colaborassem para que a cidade se expandisse.

---

<sup>19</sup> Disponível em: <http://www.ibge.gov.br/cidadesat/painel/painel.php?codmun=521400>. Acessado em 10/03/2010, as 10h.

Pouco investimento em educação, saúde, e muito menos qualificação profissional. Os jovens não tinham escolhas, apenas os que tinham condições poderiam ir para Goiânia (capital) estudar, os demais ficavam por aqui, sem ter o que fazer, com poucas condições de empregos.

Observa-se que a economia do município de Mozarlândia se assenta basicamente, na agricultura e na pecuária de corte e de leite. Desse mesmo modo, os rebanhos bovinos, suínos e equinos, são consideráveis tanto em número quanto em qualidade.

A respeito das práticas agrárias tem-se uma agricultura respeitável. Os cultivos de arroz e milho são referências regionais, mas o destaque vai para o milho e o feijão, em função da pecuária bovina que exige a formação de pastagens maiores além de serem mais lucrativas na região.

Na área industrial, a cidade conta com pequenas mercearias, selarias, serralherias, cerâmicas, e com o frigorífico, maior indústria instalada no município de Mozarlândia. A partir do ano 2000 houve muitas transformações, nos aspectos: econômico, social e político, aumentando a população e conseqüentemente o comércio, ocorreram milhares de emprego e maior influência política, aumentando assim os incentivos.

A pecuária é a responsável pela maior porcentagem de renda do município. Desde os primeiros momentos do povoamento de Mozarlândia, ela se fez presente, embora logo atrás da agricultura, aos poucos as plantações foram substituídas pelas práticas pastoris, confirmando a pecuária como principal atividade econômica do município. Nessa substituição de processos econômicos também desencadeou o êxodo rural no Município de Mozarlândia.

A economia da cidade, também, tem por base o comércio de secos e molhados, confecções e lojas em geral. Relacionados aos serviços, predominam-se: serviços bancários, auto-mecânica, posto de abastecimento de combustíveis, hospitalares e diversos outros serviços autônomos.

Os muitos agricultores que antes trabalhavam nas lavouras foram sendo substituídos por poucos peões, esse fato comprova o declínio da população rural na cidade de Mozarlândia, que em parte se volta para a cidade em busca de outros tipos trabalho, já que o campo não mais oferecer tanta mão-de-obra, e acabam

ficando sem emprego. Em 2000 com a instalação do frigorífico, a população desempregada passou a contar com um trabalho industrial.

Após elencar os fatores que contribuem para que Mozarlândia seja conhecida mundialmente é possível entender porque um pioneiro da cidade senhor Mendanha, acompanhou todo o processo de urbanização da cidade, que com muito gosto afirma que “É uma cidade que no Vale do Araguaia é uma princesinha”<sup>20</sup>, por se destacar entre as demais cidades da região. Atualmente a cidade conta com pontos estratégicos para diversão, e as mais afamadas festas da região do Vale do Araguaia, como a tradicional festa em louvor a padroeira da cidade, carnaval, pecuária e outras.

Este trabalho tem a pretensão de contribuir com a historiografia de Mozarlândia, por meio do viés religioso, buscando analisar a Festa em Louvor a Nossa Senhora do Perpétuo Socorro, palco de sociabilidades, sensibilidades e relações de poder. E para que isso aconteça é necessário, discutir a importância da história da religião e das religiosidades, sob o ponto de vista Católico discutindo o catolicismo no Brasil desde o colonialismo, e sua propagação no Estado de Goiás.

---

<sup>20</sup> Entrevista realizada com Benedito Tomaz Mendanha em 29 de setembro de 2008.

## 2 A RELIGIOSIDADE NO BRASIL E NO ESTADO DE GÓIAS: O ENCONTRO ENTRE CATOLICISMO OFICIAL E CATOLICISMO POPULAR

Para iniciar um estudo sobre a Religiosidade no Brasil e no Estado de Goiás é importante entender como surgiu a história das religiões. Mircea Eliade (1992), relata a Ciência da Religião como uma disciplina autônoma “tendo por objeto a análise dos elementos comuns das diversas religiões a fim de decifrar-lhes as leis de evolução e, sobretudo, precisar a origem e a forma primeira da religião, é uma ciência muito recente” (p.06).

O estudo da religião e da religiosidade é fundamental para a compreensão da história do Brasil, além de ser um tema de grande importância entre os estudiosos de história de todo o mundo. Universo das idéias, das mentalidades, das crenças e dos ritos faz parte integrante do cotidiano e da consciência de nossa gente, como o fazem o trabalho, as relações sociais ou as instituições políticas. (DEL PRIORE, 1995, p.5/6)

O termo religião oriundo do latim “*RELIGIO*”, indica um conjunto de normas, interdições, advertências, observações, não está totalmente relacionada a tradições míticas, rituais, ou adoração a divindades. Há vários teóricos como, como Durkheim, Eliade, Lévi-Strauss, Freud, Gramsci, que trabalham com o conceito de religião,

Para Durkheim toda religião é uma cosmologia e, como fator essencial de organização e funcionamento das sociedades primitivas, seria a base de toda a vida social; para Weber uma forma entre outras dos homens se organizarem socialmente; para Gramsci um tipo determinado de visão de mundo que se situa entre a filosofia (religiosidade dos intelectuais) e o folclore (religiosidade popular), não desligando-se, portanto, das estratégias de poder que organizam diferentemente as sociedades; para Lévi-Strauss, baseando-se no “pensamento selvagem”, a religião pode ser definida como uma “humanização das leis naturais, um antropomorfismo da natureza”; para Freud uma ilusão coletiva, cujo objetivo é dominar o sentimento de impotência que todo homem experimenta frente às forças hostis; para Eliade a referência primordial, o sistema de mundo das sociedades tradicionais, berço privilegiado do “homo religiosus”. (HERMAN, 1997, p. 486)

Atualmente, os historiadores das religiões estão divididos entre duas orientações metodológicas divergentes,

[...] uns concentram sua atenção principalmente nas estruturas específicas dos fenômenos religiosos, enquanto outros interessam-se de preferência pelo contexto histórico desses fenômenos; os primeiros esforçam-se por compreender a essência da religião, os outros trabalham por decifrar e apresentar sua história. (ELIADE, 1992, p.11)

A religiosidade é um tema bastante estudado no Brasil, desde o período colonial. A história relata que esta difundiu-se de maneira autoritária, dominadora. Cada País é composto por sua cultura, etnia, idioma, tradições, por isso a religião não seria um fator diferenciado entre a miscigenação de vários povos, e isso acarretou a multiplicação das religiosidades presentes no país. Raquel Miranda Barbosa Bueno (2008), diz que isso,

[...] possui uma influência direta no caráter pluricultural das manifestações religiosas praticadas aqui desde os primeiros contatos entre cristãos e “pagãos”. As visões de mundo e as crenças religiosas se interagem, influenciando profundamente a nova sociedade que expressa a fé cristã de maneira tipicamente plural. Reafirma-se, assim, numa estreita relação com a identidade híbrida, expressamente negada pelos grupos dominantes, inventando o conceito da cultura do preconceito e da inferioridade étnica latente ainda hoje. (2008, p. 54)

O catolicismo foi a primeira religião imposta no Brasil, pois as outras nativas eram consideradas pagãs ou do diabo como era o caso das afrodescendentes, provavelmente os nativos do Brasil cultuavam seus deuses, propagavam sua fé, de acordo com a cultura e tradição religiosa presentes na sociedade indígena. Deste modo, o catolicismo passa a ser a religião oficial do Brasil, desde o Brasil Colonial, com a chegada dos portugueses que impuseram aos nativos a religião do Estado.

Os nativos eram conhecidos como incrédulos pagãos, iniciou-se um combate aos índios que negavam a conversão, “todo o não católico era considerado inimigo, infiel, aliado ao demônio, um perigo para a comunidade religiosa desejada por

Roma” (DEL PRIORE, 1995, p. 9) e com a chegada dos escravos trazidos da África para “o escravo negro era uma garantia de sobrevivência” (p.34), e os judeus conhecidos como “cristãos novos” eram vistos como “raças impuras” mesmo que convertidos ainda praticavam judaísmo, essa perseguição aumentou, devido o aumento de cultos e tais manifestações religiosas sempre ficaram marginalizadas, vistas como magia-negra, feitiçaria, superstições e cultos ao diabo.

A igreja tinha o dever de converter essas almas, mesmo que a força, para Deus e os portugueses instalaram uma sociedade cristã. Os indígenas vistos como pagãos eram marginalizados e obrigados a serem convertidos. Assim, houve a junção entre o Deus monoteísta, do catolicismo oficial e as práticas mágicas do catolicismo popular, que preponderaria no imaginário desses fiéis.

Este campo bastante denso e intrigante, que liga as diferentes religiões às diversas formas de religiosidade, tem sido tema de bastante relevância para discutir o objeto de pesquisa deste trabalho, pois para analisar uma festa religiosa é necessário compreender todo o processo histórico voltado à religião, necessariamente buscando entender a imposição do catolicismo oficial e a propagação do catolicismo popular, primeiramente no Brasil, e em seguida no Estado de Goiás, onde se situa a cidade de Mozarlândia, palco da tradicional festa em Louvor a Nossa Senhora do Perpétuo Socorro.

Deve-se tratar a religião e a religiosidade como expressão cultural de homens e mulheres,

[...] em condições específicas, viveram no Brasil Colonial. As práticas e os sentimentos religiosos dessas pessoas não eram simples tradição ou repetição de uma liturgia conhecida na infância. Sua fé, suas crenças, sua religiosidade, enfim, realizavam-se a cada momento, em cada ato da vida, no modo de agir e pensar, na vida familiar e na atuação social e política. (DEL PRIORE, 1995, p. 5)

O reino português juntamente com a Igreja Católica, instituição que propaga religião oficial do estado, chega ao Brasil com a intenção de colonizar, e tornou-se com a força do Estado uma das instituições mais poderosas do País. Para Mary Lucy Del Priore (1995) o catolicismo oficial no Brasil está marcado pelo poder,

imposição, dominação, e os missionários passam a catequizar os índios. O interesse de Pero Vaz de Caminha na Cristianização<sup>21</sup> dos índios, retrata a estreita ligação entre o Estado português e a Igreja preocupados com interesses mútuos, onde a autoridade suprema esta nas mãos do Papa,

[...] na defesa de interesses comuns – religiosos políticos e econômicos. Trata-se de uma relação encontrada também em outras nações, da cristandade, mas que Portugal era acentuada pela completa submissão à autoridade papal e por uma forte aliança com o poder de Roma. (DEL PRIORE, 1995, p. 7)

Desta forma, nota-se que o catolicismo oficial no Brasil, imposto pelo padroado, foi perdendo força, ao passo que o catolicismo popular ganhou ênfase no Estado de Goiás como será discutido a seguir.

## **2.1 A força do Catolicismo Popular no Brasil e a Romanização: o catolicismo popular visto pela Igreja como uma imoralidade.**

As intenções políticas e administrativas da colônia contavam com o forte apoio da igreja, para expandir território, e conseguir adeptos ao cristianismo. As primeiras preocupações do governo Português estavam relacionadas à dilatação da fé católica, e a expansão das fronteiras geográficas, Del Priore (1995, p. 09) enfatiza que “o rei português assumia formalmente seu duplo papel de chefe político e religioso, com o apoio de Roma. Assim identificava-se na prática a colonização e a cristianização”. Acrescenta que,

A aliança entre o Estado português e a Igreja católica chamou-se padroado: por concessão do papa, os monarcas portugueses exerciam o governo

---

<sup>21</sup> Unidade dos povos e países cristãos em torno de interesses religiosos e políticos comuns, sob a hegemonia da igreja Católica.



religioso e moral no reino e nas colônias. [...] Em contrapartida, em muitas questões o rei invadia a área da Igreja. [...] essa aliança rendeu ao Estado português uma série de concessões e licenças que acabaram por fortalecê-lo e moldar a mentalidade através da qual se fez a catequese no Brasil. [...] em torno de interesses religiosos, políticos e econômicos, sob controle cada vez maior do Estado, faz parte do processo de fortalecimento das monarquias nacionais e do poder real, renunciando, assim, os tempos modernos. (DEL PRIORE, 1995, p.8)

A miscigenação da população, pelo contato entre diferentes identidades favoreceu o hibridismo, que nasce, aumentando a diversidade de cultos sob influência de tradições judaicas, indígenas e africanas. Comenta que essa forma religiosa dava destaque para certos dias e crescente que,

Podemos considerá-lo popular, pois era impregnado de sentimento religioso, devoção, e não deixava de ser uma forma de resistência ao catolicismo oficial do Estado. O catolicismo popular se abria como forma para assimilar elementos de outras culturas e outras crenças, pondo em prática os ritos católicos mesclados a elementos indígenas, africanos e portugueses. (MACHADO, 2007, p. 15)

O catolicismo, conhecido como tradicional, foi o primeiro a surgir no Brasil, e foi marcado por leigos, que organizavam suas práticas religiosas através de irmandades e ordens. As famílias foram o veículo condutor da fé Cristã desde o período colonial. O culto doméstico começa a se expandir, através das devoções, acentuadas em oratórios. De acordo com estudiosos, este culto foi herdado da cultura portuguesa com,

[...] certa brandura, tolerância e maleabilidade que a exaltada, turbulência e dura realidade espanhola não conheceu. De um modo geral, o sem descer a detalhes e exceções, a vida religiosa dos católicos brasileiros reduz-se ao culto dos santos, padroeiros de suas cidades ou freguesias, ou protetores das suas lavouras, de suas profissões ou de suas pessoas – um culto em grande parte doméstico e que não se conforma muito estritamente com o calendário oficial da Igreja nem com as prescrições litúrgicas. (AZEVEDO, *apud*, AZZI, 1978, p.51)

A igreja Católica tentava de todas as formas de comandar a situação e passou a perseguir os que praticavam outras manifestações religiosas, senão as permitidas oficialmente pelo estado, no caso o Catolicismo. A Corte Real brasileira e seus adeptos não queriam aprender a conviver e tampouco abrir espaço para outras religiões, e essa pressão, fez com que aos poucos fossem mesclando as práticas de outros povos. Partindo dessa premissa, Del Priore (1995), retrata o poder da Santa Inquisição, órgão do Catolicismo Oficial, que servia para castigar os que fossem contra a religião real,

[...] os sincretismos religiosos não tinham espaço e os indivíduos que viviam entre a prática religiosa e outra, como os cristãos-novos, eram sistematicamente perseguidos. [...] essa situação começou a alterar-se, graças a introdução do Tribunal do Santo Ofício [...] instrumento mais político do que religioso. (1995, p.20)

Com isso, o catolicismo oficial perdeu o seu prestígio, dando espaço a propagação do catolicismo popular. Começaram a entrelaçar o catolicismo oficial, com outras práticas religiosas culturais africanas, indígenas e judaicas. Leila Borges Dias Santos (2009) afirma que a forte devoção popular era combustível que possibilitava o fortalecimento do catolicismo popular e do oficial. E mesmo que estes não se tocassem, compartilhavam da crença dos fiéis, pois cada um era constituído de distintas trajetórias e manifestações, mas tinham o mesmo fim: o da salvação das almas. Com a criação do Tribunal do Santo Ofício, houve a junção do Catolicismo Oficial e Popular.

Cada cultura passa a difundir seu culto mesclando ao catolicismo, e dessa mistura, vai criando cada qual sua identidade e reinventando suas tradições,

Por “tradição inventada” entende-se um conjunto de práticas, normalmente reguladas por regras tácita ou abertamente aceitas; tais práticas, de natureza ritual ou simbólica, visam inculcar certos valores e normas de comportamento através da repetição, o que implica, automaticamente; uma continuidade em relação ao passado. (HOBBSAWM, 1997, p. 9)

Segundo Bueno (2008) o Concílio do Vaticano I, destacou-se por defender “a fé católica pautada no dogmatismo religioso, a infalibilidade papal e uma revisão doutrinária necessárias às mudanças dos novos tempos” (p.59). As práticas romanizadoras passam a ser difundidas entre os Bispos Ultramontanos, pois a igreja entende como inadequadas as práticas do catolicismo popular. E essas manifestações passam a ser uma afronta a igreja Católica, pois o clero não possui mais o controle das manifestações, e a religiosidade passa a se expandir de maneira imoral aos olhos da igreja

Portanto, o posicionamento da Igreja verticaliza-se, essencialmente, em reocupar o lugar hegemônico da autoridade espiritual. Essas ações resultaram no processo conhecido por romanização, amplamente aplicado durante o pontificado de Pio IX (1846-1878) e difundido no Brasil quase que imediatamente. (BUENO, 2008, p. 59)

Bueno (2008) relata o posicionamento da igreja perante o liberalismo atual e o surgimento da Romanização do Catolicismo como na primeira metade do século XIX era conveniente estas práticas populares, já que não haviam padres ou párocos para cuidar da religiosidade do povo, outro fator foi o conforto do padroado régio, que delegou exclusividade religiosa católica no Brasil. Outras religiões como o protestantismo, só entraram no Brasil na segunda metade do Século XIX.

A romanização é inserida pelo Papa Pio IX, estendendo até a Primeira Guerra Mundial. Com a ajuda dos bispos reformadores, que agiam de forma a corrigir a má propagação da fé cristã, contra o modernismo e o liberalismo, anticlericalismo, difundindo novas devoções,

[...] mesmo que estes não se tocassem, compartilhavam da crença dos fiéis, pois cada um era constituído de distintas trajetórias e manifestações, mas tinham o mesmo fim: o da salvação das almas. Ainda que fosse a salvação ritual, que de acordo com Max Weber configura-se no momento de devoção, que aparentemente garante a salvação, ocorrendo durante a comunhão com Deus. É aí que converge os catolicismos oficial e popular. (SANTOS, 2009, p.368)

Dentre os aspectos mais significativos do catolicismo popular, destaca-se as festas religiosas, consideradas como um legado cultural, tradicional. Importante relacioná-las as práticas religiosas, especificamente, as marianas muito comuns no Brasil. As manifestações continuaram mesmo com a presença do clero,

Isto porque a devoção piedosa ocasional ou devoção ocasional não é o bastante para refletir, no espírito do indivíduo, um comportamento pautado pela mesma, não havendo uma extensão da prática ritual religiosa no cotidiano dele. O que se pode concluir é que, institucionalmente, se saiu vitorioso o catolicismo oficial, mas, quanto às manifestações religiosas, persistiram as de natureza popular, mesmo que geridas pelo clero, [...]. As manifestações do catolicismo popular persistiram mesmo que em um ambiente religioso ultramontano. (Idem, 2009, p. 370/371)

Esse comando da igreja nas mãos dos leigos, fez com que o catolicismo popular se expandisse de maneira inversa, com a presença da imoralidade, principalmente nas festas e com a Romanização os bispos reformadores, substituíram os santos tradicionais por novas devoções, fazendo com que novos comportamentos comprometessem a moral dos fiéis. Uma vez que,

Com o processo de destituição dos leigos, os vigários tentaram assumir as festas. Somaram às atividades religiosas da paróquia, dando impacto a uma nova “conversão”, à igreja romana e aos seus dogmas. Eles traziam as imagens dos santos para a paróquia, matriz ou capela. Assim, como quem tem o controle do santo tem o controle da festa e da devoção, o clero obtinha maior controle sobre as práticas dos romeiros. No catolicismo romano, o padre deixa de ser apenas um celebrante e passa a ser o “festeiro” principal. (MACHADO, 2007, p. 19)

As manifestações Religiosas, principalmente a festa religiosa, a mistura do culto oficial com o caráter popular, ficava nas mãos dos leigos, pois os arraiais ficavam distantes das cidades e a falta de estrada dificultava o acesso a estes lugares, fazendo com que o povo simples, sertanejos ficassem sem assistência de religiosos.

## **2.2. A propagação do Catolicismo Popular em Goiás: conservação de valores morais e éticos.**

O Catolicismo no Estado de Goiás, para o clero também se desenvolveu com imoralidade, acredita-se que foi por falta de ser comandado pela igreja, os leigos tomaram o controle da situação, alguns locais, a perversão, o clero com má intenção, desviava o dinheiro da igreja e das festas, péssima administração e má vontade. Santos (2009, p. 348/349) mostra que “em Goiás, em função do não rigor do clero do catolicismo tradicional do padroado, o catolicismo popular pôde se manifestar especialmente nas festas religiosas”.

Dom Eduardo “o mais importante bispo romanizador da história de Goiás tinha como procedência a cidade do Rio de Janeiro, tendo chegado em Sant’Ana de Goiás” (Idem, 2009, p. 352) trouxe os redentoristas para que pudessem também ajudar a controlar as festas, com o intuito de conservar os valores morais e éticos, pois a propagação do catolicismo popular havia acontecido com certa imoralidade, nas mãos dos leigos.

Ele tentou colocar a igreja em bom funcionamento, pois tomando conta dos arraiais e povoados, em que não havia a presença do clero, trazia alguns missionários para este controle. Santos (2009) coloca que,

O mais conflituoso e polêmico é o bispado de D. Eduardo. Formado em Roma e testemunha do Concílio Vaticano I, este bispo, de natureza obstinada e inabalável, chocou-se inapelavelmente com as tradicionais manifestações religiosas populares locais, por ter tentado, com rigor e infinita determinação, interferir na devoção popular por meio da introdução de novas devoções, da reorganização de romarias, sua administração de irmandades, festas e destinos do dinheiro arrecadado, interferência na destinação de local onde deveriam ser armazenados os santos e as relíquias, além de ter proibido tradicionais práticas profanas em meio a eventos religiosos. (SANTOS, 2009, p. 350)

Cada festa em louvor ao santo padroeiro, ganha sua identidade, e cada tradição é reinventada com o passar dos anos, e pela modernização. Essas festas

passam a misturar o religioso com o profano. As festas religiosas foram alvos da romanização, em diversos lugares no Brasil, no Estado de Goiás não foi diferente, durante o bispado de Dom Eduardo Duarte, as festas de Nossa Senhora da Abadia, em Muquém, e a festa do Padre Eterno, na localidade do Barro Preto, atualmente Trindade, para a igreja estava sendo realizada de maneira imoral, o comercio tomando conta, a grande participação de romeiros,

O catolicismo popular acompanha a trajetória desta religião no Brasil até a ação reformadora do século XIX. Forma-se daí uma religiosidade motiva, em que Deus e os santos são paupáveis, mais próximos do fiel, em forma de bentinhos, imagens e ramos. A devoção aos santos de sua predileção era o recurso para o alívio das aflições. Apenas a partir dos reformadores é que a Igreja começa a tomar posição autônoma ligada a Roma. (Idem, 2009, p. 378)

Vendo que as manifestações não eram orientadas pelo catolicismo oficial, resolve suspender as missas no local das festas, nomeia novos administradores, pois perceber que os festeiros ficavam com o lucro, e que os paramentos das igrejas estavam sendo roubados, e como não haviam religiosos suficientes para atender as comunidades afastadas das grandes cidades, interdita capelas e romarias com o intuito de combater a propagação do catolicismo popular, seguindo as diretrizes ultramontanas.

### **2.3. A igreja Católica e o problema com os fiéis: A Congregação do Santo Redentor e os Missionários Redentoristas entram em ação no Brasil e no Estado de Goiás**

Antes de problematizar a chegada dos Redentoristas no Brasil é necessário entender, como e onde surgiu essa Congregação que teve papel importantíssimo na evolução do Catolicismo em Goiás, principalmente nas festas religiosas do Estado e na propagação da devoção Mariana Nossa Senhora do Perpétuo Socorro.

É importante ressaltar dois religiosos, primeiro Santo Afonso Maria de Ligório, fundador da Congregação do Santo Redentor, em Scalla, e Dom Eduardo Duarte responsável pela vinda destes redentoristas para o Brasil. Importante reconhecer que este religioso teve papel fundamental na evolução do Catolicismo tanto no País, quanto no Estado.

Afonso de Ligório resolve fundar uma congregação, e por seu carisma, ela propagou de maneira surpreendente, segundo Assis estes agiam em locais mais abandonados e excluídos aumentando os adeptos,

Santo Afonso Maria de Ligório fundou a Congregação do Santíssimo Redentor, ou dos Padres Redentoristas, em Scalla, na Itália, no dia 9 de novembro de 1732. Era um grupo de padres valorosos e santos do clero diocesano que decidiram optar pelos mais pobres e necessitados do Evangelho. [...] fundaram suas residências e conventos nas periferias da cidade, dedicando-se às missões populares, como também, em diversas frentes de trabalho, onde o carisma do seu fundador tivesse sua razão de ser. (ASSIS, s/DATA, p.23)

Essa congregação foi ganhando adeptos e aos poucos se expandiu pelo mundo inteiro, e receberam uma missão das mãos do Papa Pio IX, de divulgar o ícone de Nossa Senhora do Perpétuo Socorro e propagá-la, e assim o fizeram fazendo com que ela ficasse conhecida em todo o mundo,

Em abril de 1866, ícone de Nossa Senhora do Perpétuo Socorro foi solenemente entronizado na Igreja Santo Afonso, na via Merulana, em Roma. Foi o próprio Papa Pio IX que entregou o ícone para os Redentoristas e lhes disse: 'façam que ela seja conhecida no mundo inteiro'. (Campinas, Nossa Terra, 2008)<sup>22</sup>.

---

<sup>22</sup> Campinas, Nossa Terra, 2008. Disponível em: <http://www.tribunacampineira.com.br/index.php?option=comcontent&view=article&id=255:campinas-nossa-terra&catid=24:campinas&Itemid=11>. Acessado em 18/08/2010 as 22h.

Percebe-se a forte influência de Dom Eduardo Duarte Silva, bispo de Goiás ao viajar para a França e outros países com objetivo de conseguir ajuda para a Diocese de Goiás, onde havia se tornado bispo a pouco tempo, bem como angariar recursos financeiros e apoio para resolver alguns problemas em algumas paróquias, e voltou com alguns redentoristas. Conseguiu apoio de 12 redentoristas e irmãos que voluntariamente vieram para o Brasil.

Em sua obra Autobiografica Dom Eduardo Duarte Silva, descreve a vinda destes religiosos para o Brasil, com o intuito de ficarem em Goiás, e o motivo que levou os redentoristas a irem para o Santuário da Aparecida,

Não falando os redentoristas senão a língua alemã e a latina, e não havendo nunca viajado por mar, deram-me muito que fazer durante a viagem, especialmente o mais idoso de todos, o padre Garo, o qual, julgando de uma grave enfermidade o enjôo [...]. Outro padre também avançado em anos e que nunca saíra da Alemanha de tudo se admirava [...]. Para evitar que fossem atacados pela febre amarela, quanto antes despachei-os para São Paulo, onde com grande minha surpresa teve de ficar a metade por ordem cardeal Rampolla e a pedido de Dom Joaquim Arcoverde para se encarregar do Santuário da Aparecida. Mais uma vez verificou-se o que disse Virgílio: "Quos ego Feci, tulit alter honores"<sup>23</sup>. (SILVA, 2007, p.139/140)

Como naquele tempo havia muita dificuldade para viagem, não haviam estradas, e o meio de transporte utilizado por eles eram burros, por serem um grupo composto por muitas pessoas resolveram dividir as comitivas em dois grupos. Segundo Assis, os olhares dos redentoristas estavam voltados para Trindade, onde haviam de agir urgentemente em prol da festa do Divino Pai Eterno,

Os padres redentoristas apenas chegaram em Campinas e seus olhares se voltaram para Trindade, conforme as intenções do Bispo dom Eduardo [...] Naqueles tempos de 1894, quando os primeiros missionários chegaram, dominavam e imperavam a ignorância religiosa, a baderna, a embriaguez e outras orgias. Principalmente por ocasião da "Festa do Divino Pai Eterno,

---

<sup>23</sup> "Do que eu fiz, outro levou as honras"



romeiros de todas as partes se aglomeravam em Trindade”. (ASSIS, s/d, p. 53)

Importante relatar o que os redentoristas foram para o Estado de Goiás, não podendo afirmar se resolveram os problemas relacionados com as festas, pois

A vida dos campineiros segue no mesmo ritmo do balanço do carro-de-boi até o dia 18 de dezembro de 1894. Nesta data, Campinas representada por Ana Teles Rocha e família, bisavó das famílias Rodrigues Morais, Pereira Duarte e Alves Magalhães, recebe os padres redentoristas, recém chegados da Alemanha. (Campinas, Nossa Terra, 2008)<sup>24</sup>

Juntamente com os redentoristas chegou o progresso para o Estado, como retrata as notícias no Jornal *online* da Tribuna Campineira, informando que construíram várias igrejas, conventos, colégios, Santuários, usina hidroelétrica, implantaram o primeiro jornal, enfim o papel destes religiosos, tanto no campo religioso, com a evangelização as desobrigas<sup>25</sup>, foi de suma importância para a construção deste Estado,

O processo de modernização em Goiás tem sido estudado privilegiando a construção de Goiânia e a, conseqüente, transferência da capital do Estado. Ele ocorreu, certamente, em muitas dimensões – políticas, econômicas, sociais, culturais – mas esse marco não é tão válido quando se estuda o catolicismo. O município de Campinas é que foi chave para que a modernidade atinja o campo religioso goiano. Isso devido à presença dos padres missionários redentoristas. (QUADROS, 2009, p. 1)

---

<sup>24</sup> Campinas, Nossa Terra, 2008. Disponível em: <http://www.tribunacampineira.com.br/index.php?option=comcontent&view=article&id=255:campinas-nossa-terra&catid=24:campinas&Itemid=11>. Acessado em 18/08/2010, as 15h.

<sup>25</sup> Pousou nas fazendas onde o Padre administrava sacramentos no tempo da Quaresma.

Este raciocínio contrapõe as ideias de Dom Eduardo, pois ele acreditava que por consequência da modernização, gerou-se quantidade de conflitos entre os fiéis, pois,

A sociedade moderna, amados filhos, esfacela-se, cai em pedaços. [...] Com as sonoras palavras de progresso, civilização e regeneração social os inimigos de Deus e da sociedade não querendo curvar a inteligência às verdades de por Deus reveladas, que são superiores ao alcance da Razão, e a vontade aos preceitos salvadores do cristianismo que estão em antinomia com as leis pelas quais o século quer governar-se, empenham-se com todas as forças por destruir tudo, principiando pela religião. (SILVA, 1890 *apud* QUADROS, 2009, p. 6).

A vinda dos redentoristas ficou marcada, como salvação dos problemas da igreja, para ajudar na propagação da fé católica, pois os fiéis estavam abandonados por falta de missionários, e a Diocese de Goiás que correspondia também ao Triângulo Mineiro, não conseguia atender toda a circunscrição eclesiástica, e assim várias cidades, arraiais, povoados ficavam a mercê de autoridades religiosas. Fez com que estes missionários tivessem papel fundamental na Diocese de Rubiataba-Mozarlândia, que compreende parte da região norte do Estado, no próximo tópico será possível estabelecer se estes missionários conseguiram resolver os problemas elencados por Dom Eduardo Duarte.

#### **2.4 A criação da Prelazia Rubiataba – Mozarlândia: sob a Congregação dos missionários Redentoristas**

Adentra-se agora, acerca dos fatos sobre a criação da Prelazia de Rubiataba, que elevada a Diocese de Rubiataba-Mozarlândia, criada para atender as comunidades mais afastadas da Cidade de Goiás, pois a mesma não conseguia atendê-la, como consta no Anuário Católico (2009),

A prelazia de Rubiataba foi criada a 11/10/1966 pela Bula De Animorum utilitate do Papa Paulo VI, desmembrada das Dioceses de Goiás e Uruaçu. A 18/04/1979, pelo Decreto Cum Urbs Vulgo Mozarlândia, passo a denominar-se Prelazia de Rubiataba-Mozarlândia. A 16/10/1979, pela Bula Cum Praelatura do Papa João Paulo II, foi elevada a Diocese. (PESSINATTI, 2009, p. 464)

A Diocese de Rubiataba-Mozarlândia, possui um Brasão de estilo clássico contendo um escudo, como pode ser observado abaixo, na parte inferior, uma faixa branca identificando a Diocese e a data da Criação da Diocese<sup>26</sup>. Na parte superior há uma cruz vermelha acima da pérola verde, é episcopado como símbolo do bispado e a sua missão, já a Mitra representa a comunhão com o Papa. O báculo no lado direito reflete ao pastoreio do rebanho (os fiéis) que é confiado ao Bispo juntamente com a cruz do lado esquerdo formam um conjunto de Sucessor e pastor, e abaixo o campo de goles, é o fogo da caridade, a inflamação do Divino Espírito Santo, na defesa dos oprimidos.<sup>27</sup>



**Figura 1: Brasão da Diocese de Rubiataba-Mozarlândia**  
 Fonte: Cúria Diocesana<sup>28</sup>

<sup>26</sup> Ver Bula Cum Praelatura do Papa João Paulo II, em anexo A e B.

<sup>27</sup> Selo de Armas da Diocese de Rubiataba/Mozarlândia. Disponível em [http://www.diocesesumo.com.br/site/?secao=vozes\\_pastor](http://www.diocesesumo.com.br/site/?secao=vozes_pastor). Acessado em 18/09/2010, as 20h.

<sup>28</sup> Brasão da Diocese. Documentos Avulsos da Cúria Diocesana, Rubiataba-GO.

Como retratado, no centro do brasão, encontra-se um escudo e percebe-se a presença de quatro partes sendo simbolizadas por quatro cores e regiões. No azul está presente o cálice e hóstia, lembrando a Eucaristia, sacramento da igreja, representado pela Co-Catedral de Mozarlândia, juntamente com Nova Crixás, Bandeirantes e Mundo Novo, lembrando o Vale do Araguaia, com águas abundantes.

A cor amarela situa-se as paróquias de Crixás e Uirapuru, e as comunidades de Auriverde e Vila Sertaneja, ressaltando a presença de ouro na região, simbolizando riqueza e esplendor. O símbolo de devoção Mariana, reflete a coroa de Nossa Senhora da Glória como padroeira da Diocese. A região vermelha retrata a sede da Diocese, a presença da Cúria, formada pelas paróquias de Rubiataba, Morro Agudo e Nova América, lembrando o café como monocultura inicial na região. Uma mão segurando a cruz é logotipo dos Missionários da Congregação do Santo Redentor, homenagem ao trabalho destes na criação e formação da Diocese. E a verde recorda as matas presentes na região, e o cocar reflete as comunidades indígenas presentes na Diocese os Carajás e Tapuias, formada pela paróquias de Araguapaz, Aruanã, Faina, Matrinchã e as comunidades de Lua Nova e Santa Rita.<sup>29</sup>

Quando a prelazia foi criada, o primeiro bispo prelado a assumir foi Dom Juvenal Roriz (C.SS.R.) da Congregação do Santo Redentor, em 1967, sagrado Bispo pelo Santo Padre o Papa Paulo VI, e Ordenado Bispo pelo Núncio Apostólico Dom Sebastião Baggio, em 11 de outubro de 1967, permanecendo até 1979 quando foi nomeado Arcebispo de Juiz de Fora - MG.

Como a Diocese de Goiás já era ministrada pelos missionários redentoristas, existiam as paróquias de Crixás criada em 10 de janeiro de 1745, Rubiataba em 27 de novembro de 1961, onde os párocos foram todos da Congregação do Santo Redentor. Contradizendo, porém em um documento organizado por Mon Senhor Lincoln, que a Paróquia de Aruanã teria sido fundada 30 de dezembro de 1961.

---

<sup>29</sup> Selo de Armas da Diocese de Rubiataba/Mozarlândia. Disponível em [http://www.diocesesumo.com.br/site/?secao=vozes\\_pastor](http://www.diocesesumo.com.br/site/?secao=vozes_pastor). Acessado em 18/09/2010, as 20h.

Assim percebe-se que a diocese contava com poucas paróquias tornando difícil a presença de padres para atender toda a região.

Antes as cidades que atualmente pertencem a diocese de Rubiataba-Mozarlândia, eram assistidas pela Diocese de Goiás, isso fazia com que a falta de padres, deixasse os fiéis católicos da zona rural sempre a espera dos sacramentos. Percebe-se que com a criação da Diocese, os problemas relacionados a festa não foram solucionados, o que será retratado no próximo capítulo, mesmo tendo a criação de várias paróquias.

Segundo o Anuário Católico (2009) atualmente a diocese sediada em Rubiataba, compreende aproximadamente de 26.577,1 Km<sup>2</sup>, possui 95.856 habitantes. As cidades pertencentes a diocese são Araguapaz, Aruanã, Crixás, Faina, Matrinchã, Morro Agudo de Goiás, Mozarlândia, Mundo Novo, Nova América, Nova Crixás, Rubiataba e Uirapurú, e cinco (05) Comunidades sendo Auriverde (Crixás.) - Bandeirantes (Nova Crixás.) - Bragolândia (Rubiataba.) - Caiçara (Faina.) - Lua Nova (Matrinchã.).

O mapa da diocese mostra as cidades e Paróquias atendidas pela Diocese, é possível notar que a Paróquia de Mozarlândia, está geograficamente no centro na diocese, é conhecida como o Coração da Diocese, e por este motivo foi cogitada para sediar a Cúria Diocesana, mas desde a criação da prelazia, não possui estrutura para manter Catedral, ficando como Co-Catedral, como será retratado mais adiante.

Partindo dos relatos feitos sobre a localização, é possível imaginar que essas cidades antes da criação das paróquias eram coberta de uma “população rural, mesmo nas paragens mais longínquas, era atenta aos sermões e ao prestígio religioso dos padres e que estes eram alvo de respeito e admiração, claro, desde que mantivessem uma postura compatível com seus votos. (SANTOS, 2009, p. 356).

Foi a partir da criação das paróquias, que se tornou possível a presença constante de padres nas comunidades, o que contribuiu muito para a propagação do catolicismo popular, através da mistura de tradição, principalmente em Mozarlândia, que grande parte dos moradores vieram do Nordeste e do Triângulo Mineiro.

Como mostra o mapa a seguir:



**Mapa 2 - Mapa da Diocese de Rubiata-Mozarlândia**

Fonte: Livro de Cântico da Diocese Rubiataba-Mozarlândia. (Aruaná - 2002).

Adaptação: Giulliane Fernanda Silva

Ao investigar em documentos da Diocese foi encontrado um documento<sup>30</sup> organizado por Mon Senhor Lincoln Monteiro Barbosa, este que já atendia a região desde quando a Diocese era em Goiás, datada em 27 de março de 1995, relacionando as paróquias e decretos de criação de 13 e percebe-se que todas foram decretadas em dezembro do ano de 1983, exceto a Paróquia de Santa Luzia, de Matrinchá que foi decretada em 1993, faltando apenas a de Jesus Bom Pastor e São Sebastião que foi criada em 30 de novembro de 2007. Isso influencia muito, pois se sabe que a paróquia de Nossa Senhora do Perpétuo Socorro foi criada

<sup>30</sup> Documento avulso da Cúria Diocesana, Rubiataba-GO.

durante o bispado de Dom Juvenal Roriz, porém a não oficialização desta, fez com que Dom José Carlos tomasse as honras pela criação desta paróquia, o que não poderia acontecer, já que foi a única criada pelo primeiro bispo.

O segundo Bispo da Diocese de Rubiataba-Mozarlândia, foi nomeado em 1979, Dom José Carlos de Oliveira Ex. Provincial C.Ss.R. que ficou até 2008. Em seguida, vindo da Paróquia de Nossa Senhora Aparecida, em Minaçu-GO, foi Nomeado Bispo pelo Santo Padre o Papa Bento VI, a 17 de maio de 2008, Dom Adair José Guimarães, o 3º (terceiro) e atual bispo da diocese.

Desde que os redentoristas chegaram ao estado de Goiás, aos poucos a religiosidade destes missionários foram expandindo, com o intuito de salvar a igreja do catolicismo imoral que se expandia por falta de religiosos que tivessem a disponibilidade de encarar viagens longas e cansativas, pois grande parte da população se concentrava na zona rural, por este fato ficam isolados do contato com a igreja católica, os cultos domésticos, os rezadores, e com a vinda de missionários, começa-se as desobrigas, e assim os sertanejos passam a ser controlados pela igreja Católica.

Para Jadir Pessoa (2005) antes da romanização ou ultramontanismo, as autoridades religiosas atendiam apenas nas cidades, fazendo com que os moradores do campo ficassem isolados, dando espaço ao catolicismo popular,

A grande maioria da população estava no campo, onde o atendimento religioso era garantido por associações, confrarias, rezadores e beatos, irremediavelmente à margem do controle oficial católico. Essa situação definiu no quadro religioso brasileiro, o que é chamado de “catolicismo popular” (PESSOA, 2005, p. 26).

Percebe-se a grande influência dos redentoristas em Goiás, e principalmente na diocese de Rubiataba-Mozarlândia, pois estes eram os responsáveis pela prelazia e depois diocese, e assim grande parte das paróquias foram criadas por bispos da Congregação do Santo Redentor e estas Paróquias eram lideradas por padres redentoristas, e somente a partir de 1972 como retrata documento organizado por Mon Senhor Lincoln, é que foi ordenado o primeiro padre diocesano

Arlindo Kapaun, o que fez com que aos poucos os redentoristas fossem distanciando da diocese, isso contribuiu para que atualmente as paróquias sejam comandadas por padres diocesanos, cortando os laços com a Congregação do Santo Redentor, principalmente após a saída do Bispo Redentorista Dom José Carlos de Oliveira.

A bula papal que elevou a Prelazia à Diocese de Rubiata-Mozarlândia possui o nome de Mozarlândia, pois por ser o coração (centro) da Diocese, já era cogitada para sediar a Cúria Diocesana, mas por falta de infraestrutura e estradas que ligava as outras cidades dificultavam a locomoção, e por este motivo a sede continuou até o ano de 2009 em Rubiataba, mas que será transferida em breve à Mozarlândia.

## 2.5 A Criação da Paróquia da Nossa Senhora do Perpétuo Socorro

Existem algumas controvérsias acerca da criação da Paróquia de Nossa Senhora do Perpétuo Socorro, uma vez que de acordo com o livro Tombo nº 1, folhas 73, 73v,<sup>31</sup> ocorreu no dia 28 de fevereiro de 1968, tomando as seguintes providências,

Precisamente as onze horas, com seu bispo padre Lelis e padre Furlano, partiram para Mozarlândia. O senhor bispo iria fundar a paróquia de Mozarlândia e dar posse ao novo vigário após breve parada na fazenda dos Caiados onde somos bem recebidos pelos celebre Totó Caiado, chegamos em cima da hora marcada na cidade de Mozarlândia. O povo não acreditava que iríamos, como ficou combinado. Ninguém esperava. [...] As 20 horas e pouco, havia um número razoável de fieis na igreja. Dentro do cerimonial prescrito o senhor bispo criou a paróquia dedicada a Nossa Senhora do Perpétuo Socorro, e deu posse ao primeiro vigário, ao padre Helton Furlani. Ao ser criada a prelazia, Mozarlandia pertencia a paróquia de Rubiataba. Padre Bariani, foi o primeiro padre que deu lá uma assistência espiritual, mais intensa e contínua [...], entre aquelas almas abandonadas.( fls. 73, 73v)<sup>32</sup>

---

<sup>31</sup> Documento na íntegra em anexo C.

<sup>32</sup> Ver Livro de Tombo fls. 73 e 73v, em anexo C.



Já o Decreto nº 04/83<sup>33</sup>, aponta que a criação desta paróquia se deu no ano 1983. Durante a prelazia e bispado de Dom Juvenal Roriz criou apenas a Paróquia de Nossa Senhora do Perpétuo Socorro, porém não foi legalmente documentada, segundo o livro de tomo da Diocese de Rubiata-Mozarlândia que se encontra na cidade de Rubiataba, que a paróquia de Mozarlândia foi criada em 28 de fevereiro de 1968, contradizendo este documento lavrado em ata, o decreto de da Criação da paróquia, quando o segundo Bispo Dom José Carlos de Oliveira, organizou burocraticamente a documentação diocesana, juntamente com outras paróquias já criadas e não normalizadas.

Dom Juvenal Roriz não se preocupou em organizar a documentação da Paróquia criada, por este motivo se tornou inviável dizer que a paróquia foi criada em 1968, já que foi decretada apenas em 1983 e este é um grande problema para construir um histórico da paróquia, somente é comprovado graças ao livro de tomo que se encontra na Matriz em Rubiataba.

Ao entrevistar o Pe. Adalberto Gonçalves Araújo Junior, este que ao iniciar uma pesquisa sobre as paróquias da diocese, contribuiu muito para o desenvolvimento deste, pois já havia feito algumas investigações sobre a Paróquia de Mozarlândia, palco do objeto em questão, ele afirma que a Paróquia de Mozarlândia foi à única criada pelo Bispo Juvenal Roriz, porém canonicamente não estava registrada,

[...] tínhamos aqui na época, quando era ainda diocese de Goiás, e quando, ou seja, a diocese foi criada a prelazia de Rubiataba, nós tínhamos aqui então a paróquia de Rubiataba, Nossa Senhora da Glória de Rubiataba, que foi criada em 1961, depois nos tínhamos a paróquia de Aruãna, também criada em 1961, a paróquia de Crixás, que é do século XVIII, e tínhamos também a paróquia de Santa Rita Dantas, que é próxima a Fâina, uma cidade histórica também. Dom Juvenal Roriz só criou uma paróquia, a única paróquia que ele criou foi a paróquia de Mozarlândia, apesar do ponto de vista da, da burocracia da igreja não ficou registrada, pelos menos assim de conhecimento, ata de fundação e o decreto de fundação não foi protocolado então quando dom Carlinhos em 1983, ele fundou as outras paróquias que são as outras cidades que tinha inclusive, quase todas elas tinham um pároco residente, mas na verdade canonicamente não era pároco, por que

---

<sup>33</sup> Ver Decreto nº 04/83, em anexo D.

não havia criado a paróquia, ele então em 1983 criou uma série de [...] a paróquia de Mozarlândia, como a documentação não estava bem regularizada, o dom Carlos convalidou, e fez um decreto de criação juntamente com as outras paróquias que ele criou, mas de fato a paróquia de Mozarlândia foi criada em 1968, com essa missa solene.<sup>34</sup>

Segundo a Memória popular foram muitos, os religiosos que passaram pela cidade de Mozarlândia, que viam para realizar missas, batizados, casamentos e outros, uns ficavam alguns dias, ficaram por mais tempo, até que vieram para residirem. Mesmo antes que essa se tornou cidade, enquanto Distrito. Mon Senhor Lincoln, já visitava a região, outros também como Pe. Bariani, Pe. Dias, Pe. Antonio, Pe. Arcádio, Pe. Luiz Marques, Pe. Luiz Macedo, Pe. Angelo, Pe. Arlindo, Pe. André, Pe. Jesus Flores, Pe. Ney, Pe. José Zamonier, Pe. José Modesto, Pe. Vanildo, Pe. Marcos Belarmino, Pe. Edvaldo e atualmente Pe. Alfredo. Importante destacar que como mostra o livro de tomo de Rubiataba, o primeiro Pároco de Mozarlândia foi Pe. Helton Furlani. Estes dados foram levantados graças ao uso da memória de leigos da igreja, já que não é possível encontrá-las em bibliografias, podendo contar com fontes orais, pois,

[...] ela se alimenta de lembranças vagas, telescopia, globais ou flutuantes, particulares ou simbólicas [...] emerge de um grupo que ela une, o que quer dizer, como Halbwachs o fez, que há tantas memórias quantos grupos existem; que ela é, por natureza, múltipla e desacelerada, coletiva, plural e individualizada [...] se enraíza no concreto, no espaço, no gesto, na imagem, no objeto [...]. (NORA, 1993, p. 09)

Frei Simão Dorvi, também frequentou muito essa região, conforme as narrações do pioneiro Edgar Alencar Mota, o primeiro casamento em Mozarlândia, foi o dele, celebrado por Frei Simão Dorvi, e que neste mesmo dia trouxe com ele a imagem de Nossa Senhora da Conceição, a pedido do pioneiro, como pagamento de um voto, o mesmo ergueu uma capela em homenagem a Santa e essa passou a ser

---

<sup>34</sup> Entrevista realizada com Pe. Adalberto Gonçalves Araújo Junior em 30 de julho de 2010.

a padroeira da comunidade. A troca da padroeira causou algumas curiosidades, o que veremos a seguir.

A Co-Catedral, Nossa Senhora do Perpétuo Socorro, padroeira da cidade de Mozarlândia, fundada pelo Bispo Dom Juvenal Roriz em 28 de fevereiro de 1968, recebeu este nome, pois este Bispo da Congregação do Santo Redentor, entronizou-a como Santa Padroeira e Protetora deste município.

O ícone abaixo se encontra atualmente na parede do altar da Matriz e não se sabe ao certo quem realmente a trouxe e em que ano isso aconteceu. Entretanto, se pode dizer a primeira imagem veio para Mozarlândia juntamente com os padres redentoristas que fundaram a paróquia e notamos que “entre o sujeito que olha e a imagem que elabora há muito mais que os olhos podem ver” (MAUAD, 1996, p. 3).



Foto 1: Ícone de Nossa Senhora do Perpétuo Socorro

Fonte: Marlene Godoy, *Nossa Senhora do Perpétuo Socorro* (1987). Foto: Giulliane Fernanda Silva, 2010.

Por trás da imagem não está simplesmente uma mulher segurando uma criança no colo, “a representação social que está presente nessas afirmações

transmitem a impressão de que o amor da mãe é algo inato, instintivo, parte da natureza da mulher” (LEMOS, 2007, p. 24) e nas entrelinhas é preciso analisar qual o intuito desta iconografia, e perceber o que ela retrata, mostrando o poder de Maria, concebida como mãe/mulher.

Muito venerada, Nossa Senhora do Perpétuo Socorro passou a ser conhecida em todo o mundo, conhecida também como Virgem da Paixão, Madona de Ouro, Mãe dos Missionários Redentoristas, Mãe dos Lares Católicos, esta entre as mais expressivas invocações de Maria, Mãe de Deus, Nossa Senhora, e no Brasil teve uma grande propagação popular, graças à divulgação dos redentoristas, como Mãe do Perpétuo Socorro. “Tanto os diferentes nomes conferidos à Maria como a forma como ela se referem seus fiéis nos fornecem elementos [...] característicos da maternidade presentes nas representações religiosas dessas devoções” (LEMOS 2007, p. 24).

O ícone sagrado de Nossa Senhora do Perpétuo Socorro, conhecida também como um ícone, representado como “Virgem da Paixão” com o menino Jesus nos braços, é conhecido como Mariano<sup>35</sup>, percebe-se a riqueza de simbolismo em cores e formas. Magnífica obra não existe nela nenhuma assinatura, desconhecendo assim o pintor desta.

“Por sua vez, no campo religioso, mais especificamente nas crenças e práticas que ocorrem no espaço da tradição católica, a presença de Maria é uma constante que se manifesta de várias maneiras” (Idem, ibidem). As práticas em devoção a novos Santos a partir da romanização fizeram com que propagasse várias invocações marianas, assim percebe-se a forte influência em Goiás seguida pelos redentoristas em Nossa Senhora do Perpétuo Socorro, com a importante novena perpétua.

Antes Nossa Senhora da Conceição como padroeira, de repente, imposta pelos padres redentoristas, Paróquia de Nossa Senhora do Perpétuo Socorro. Um tempo atrás a devoção havia passado para Nossa Senhora da Conceição Aparecida, muito venerada pela população de Mozarlândia, cidade recém emancipada, em

---

<sup>35</sup> Por representar a mãe de Jesus.

desenvolvimento. Como toda paróquia, essa também possui suas manifestações religiosas, dentre elas destaca-se a festa em Louvor a Nossa Senhora do Perpétuo Socorro, que começou em 1968, depois da sua criação.

As festas existem desde quando os homens e as mulheres passaram a viver em sociedade. Elas acontecem das mais diferentes formas: há cores, ritmos e significados diferentes. Para as pessoas que participam delas, em cada lugar e tempo, elas apresentam características próprias de sua época e do seu povo. (DEUS e SILVA, 2002, p.13)

A devoção ao culto mariano propaga de forma tradicional, e vai recriando com o passar dos tempos com a invenção das tradições, através das práticas que diferem de cultura para cultura. Assim como Mozarlândia, várias outras cidades são devotas de Nossa Senhora do Perpétuo Socorro, e este objeto reflete uma grande manifestação tradicional na cidade, em que todos os anos é realizada a festa em louvor a padroeira.

Günter Paulo Süss (1979) afirma que, há uma forte presença do “catolicismo popular na América Latina é uma categoria cultural na qual ‘o santo’, ‘o sentimento’ e o ‘mito’ têm papel importante” (SÜSS, 1979, p. 24). Onde a comunidade prepara com muito amor e devoção a novena, a coroação e a festa em homenagem a padroeira da cidade. Investiga-se as práticas e representações dentro das singularidades, buscando historicamente sobre a representação da festa religiosa, realizada todos os anos, na cidade de Mozarlândia.

A tradicional festa em louvor a Nossa Senhora do Perpétuo Socorro, conhecida também como festa Paroquial. O próximo capítulo retrata propagação da fé na padroeira Nossa Senhora do Perpétuo Socorro, e a análise da festa em louvor a santa Mãe Perpétua, focalizando as transformações ocorridas ao longo dos anos, vislumbrando o impacto causado com a chegada de um agroindustrial na cidade e sua interferência/influência na festa e sua identidade cultural,

A alegria da festa ajuda as populações a suportar o trabalho, o perigo e a exploração, mas reafirma, igualmente, laços de solidariedade ou permite aos indivíduos marcar suas especificidades e diferenças [...]. Na roda da festa, como na roda da vida, tudo volta inelutavelmente ao mesmo lugar, os jovens aprendendo com os velhos a perpetuar uma cultura legada pelos últimos. (DEL PRIORE, 2000, p.10)

Partindo do pressuposto que o leitor tenha conseguido abstrair as informações a cerca do catolicismo popular e sua propagação, ocorridos também na Diocese de Rubiataba-Mozarlândia, e na paróquia de Nossa Senhora do Perpétuo Socorro, manifestando-se nas festas, torna-se necessário entender que a história da festa está ligada à cultura, e Del Priore (2000) afirma que festa “é um conjunto de crenças coletivas sem doutrinas e de práticas coletivas sem teorias” (VARAGNAC *apud* DEL PRIORE, 2000, p.10), e partindo do viés religioso, será possível diagnosticar se a presença dos redentoristas contribuíram para resolver os problemas relacionados a essas festas que não seguem as regras previstas pela Igreja.

### 3 A ALEGRIA DE FESTEJAR: “UM CONJUNTO DE CRENÇAS COLETIVAS SEM DOCTRINAS E DE PRÁTICAS COLETIVAS SEM TEORIAS”

Este capítulo busca entender esta festa religiosa como mais uma manifestação, observando os fatos e fatores, conhecidos como irrelevantes, que a construíram, com o intuito de dar ênfase a trajetória cultural que permeia as práticas religiosas ocorridas na cidade de Mozarlândia, pois a festa é um “fenômeno multifacetado, ambivalente, polissêmico, partilhados pelos mais diversos campos de saber” (ALMEIDA e SOUZA, 2008, p. 29).

Não se pode dar apenas uma definição de festa, pois essa variada exposição de sociabilidades difere-se culturalmente implicando localidades suscitando indagações acerca da discussão de festas, se elas se desenvolvem ou são inventadas e por isso destacamos a festa como uma “invenção das tradições”, que é sempre programada para atender certas expectativas, cabendo esclarecer,

Para que servem as festas? Para que serve pensar a que elas servem ou em nome de que razões “funcionam”? [...] Melhor, portanto, do que procurar saber o que a festa *faz*, não seria compreender o que ela *diz*? Dito de outro modo: as pessoas fazem a *festa* porque ela responde a alguma necessidade individual ou coletiva, ou cumpre alguma função social em que torna, por outros caminhos, necessária? Ou as pessoas vivem a *festa* porque ela é um entre outros meios simbólicos através dos quais os significados da vida social são ditos, com dança e canto, mito e memória, entre seus praticantes? (BRANDÃO, 2010, p. 24)

As festas existem para responder alguma necessidade, seja ela individual ou coletiva, vários são os motivos que levam as pessoas a festejarem “fazemos festa por todos os motivos e quando não os temos, inventamos” (PESSOA, 2005, p. 32). Existem as festas voltadas aos rituais religiosos como batizado, primeira eucaristia, crisma, casamento, formatura, aniversários, em especial de 15 (quinze) anos, bodas de prata e ouro, “e a festa não é só uma ocasião de descanso: é momento de aprendizado, de reconstituição ou fortalecimento de laços sociais, enfim, sem festa o

ano demora muito a passar” (p. 32). Elas correspondem a momentos especiais que merecem comemoração seja por uma conquista individual, passar no vestibular, concursos, a proposta de um bom emprego ou uma vitória coletiva, como no futebol, eleição, ou algum tipo de competição.

Estes eventos têm sido celebrados ao longo dos anos, vista como uma organização social é também fato político, religioso e simbólico. Danças, músicas, jogos, atrações; partilhando sentimentos coletivos e comunitários. A diversidade cultural está presente na festa, fazendo da celebração festiva uma força de integração social.

Del Priore (2000) comenta que “as festas nasceram das formas de culto externo, tributado geralmente a uma divindade protetora das plantações, realizado em determinados tempos e locais” (p. 13) celebradas como agradecimento.

A partir da influência do cristianismo imposto como a religião oficial do Brasil, nas culturas e a presença de outros credos já existentes antes da chegada do Europeu, percebe-se que houve uma mistura entre diversas formas de cultos e ritos contribuindo para a propagação do catolicismo popular. Tais celebrações receberam novos preceitos, a Igreja determina dias para se dedicarem ao culto divino, dividindo em festas do Senhor e dos Santos, a partir destes pressupostos as festas passaram a ganhar símbolo e valor, e nos intervalos destas realizavam outras menores. Del Priore (2000, p. 15) enfatiza que “sisuda para uns, esfuziante para outros, a festa do nosso passado colonial talvez nos ajude a entender por que e o que ainda hoje tanto festejamos”.

A cultura permite que tais festas conservem e valorizem as tradições, o que não difere das outras cidades, Por isso, a cidade de Mozarlândia, situada a 300 quilômetros da cidade de Goiânia (capital) do estado de Goiás, não se difere dessas prerrogativas, pois guarda nestas celebrações similaridades e singularidades que se transformaram em tradicionais.

Para Del Priore (2000) “se a cultura brasileira conservou as suas festas, conservou também [...] a necessidade de festejar” (p.15), assim é importante perceber o que tornou tradição na festa buscando compreender o que foi



conservado e o que modificou. Tais práticas religiosas tornam-se mágicas por entrelaçarem a tradição.

Portanto, é necessário entender e interpretar a festa, trabalhando com os indícios, traços, rastros movido pela suspeita “é a questão formulada ou o problema que ilumina o olhar do historiador, que transforma vestígios do passado em fonte ou “documento, mas é preciso fazê-lo falar” (PESAVENTO, 2005, p. 63) o método a utilizar juntamente com a entrevista oral seria concebido pela História Cultural.

O importante é analisar as particularidades entres as representações de sociabilidades e sensibilidades, sendo possível constatar que realmente os redentoristas não conseguiram controlar as festas religiosas, levando em consideração o sagrado e o profano percebendo que são vários os sentimentos de uma festa, dando persistência a certas maneiras de pensar, ver e sentir, pois a mistura entre o sacro e o profano valia para diminuir e caricaturizar o pagão, o inculto (DEL PRIORE, 2000, p. 49).

### **3.1. Festa em Louvor a Nossa Senhora do Perpétuo Socorro: um estudo sobre práticas de sociabilidades**

Vários são os santos cultuados em todo o Brasil. Cada comunidade possui um ou vários santos, essa devoção varia entre o particular e o coletivo. Sendo assim, para homenageá-los costuma-se realizar festas em louvor, para pagar uma promessa, ou para agradecer pela graça recebida. Isso acontece em por meio de terços, novenas, tríduos e outras.

No Estado de Goiás percebe-se pela quantidade de santos, que estes são propagados de acordo com a crença e a cultura de cada lugar. O calendário de festas religiosas é bastante diversificado, entretanto como no passado o tempo das colheitas concentram a maioria das devoções religiosas, ocorridas aqui, bem como em todo o Brasil,

No Brasil, de um modo geral, estas festas são dedicadas a um santo ou santa; por isso, são também chamadas de festas religiosas. Contudo, não acontecem apenas com rezas, cantos e missas nas igrejas. Elas ocorrem dentro e fora das igrejas, pois, depois de uma missa ou novena, há procissões, queima de fogos, bailes e grande distribuição de alimentos. Existem ainda as festas rurais que acontecem nas fazendas e sítios, e delas nem sempre participam padres. (DEUS e SILVA, 2002, p. 10)

Acredita-se que a manifestação religiosa, que foi apagada pelo tempo, mais antigas no município de Mozarlândia, aconteceu em Louvor a São Miguel, pois a primeira capela, “foi erecta em 1757, sendo seu primeiro vigário o Dr. Simão Pinto Guedes” (TELES, 1978, p. 116), assim realizavam-se missas e festejavam em homenagem São Miguel como descrito no primeiro capítulo.

Por volta dos anos de 1930, em terras devolutas pertencentes ao Estado, começaram a ser habitadas por famílias que vinham de outros locais em busca de um futuro, envolvidas pelo sonho de possuírem suas terras, e acabaram se instalando no município de Mozarlândia. Essas famílias, que plantavam para a sobrevivência, por não ter cidade por perto, outra maneira de trabalho, e até mesmo comércio, pois não haviam estradas e muito menos transporte, necessitavam viver do que conseguiam produzir.

Ao entrevistar Joaquim da Penha Gomes, que veio para este local nos anos de 1951, conta que, por haver poucos habitantes, não conseguiam derrubar a mata, formar pastos, para criação, e roçar para cultivar a terra sozinhos, era necessária a ajuda de vizinhos com isso fazia os mutirões, já que a cultura popular é assim “nasce no cotidiano de vida e de trabalho de homens e mulheres enquanto constroem os ingredientes de sua sobrevivência” (PESSOA, 2005, p. 8).

Depois se reuniam em outros lugares para prestarem o mesmo serviço, assim pagavam com o trabalho, ao final se reuniam para uma confraternização e emocionada ao dizer que, apesar das dificuldades, assim se divertiam de maneira saudável, Joaquim da Penha diz que “era muito animado naquele tempo, naquele tempo como

diz, esse aqui tudo era mais pouca gente, muito animado, por que tinha as reuniões nas fazendas povo chegando ,era divertido”<sup>36</sup>.

O uso da memória é vista por Henry Rousso (1998) como uma representação seletiva, é uma presença do passado, porém é incontestavelmente da atualidade (ROUSSO, p. 94)

A memória popular relata que festas de Folia do Divino e de Reis, já passava pela região saindo de Crixás e de Santa Rita, passando nas zonas rurais, trazendo a confluência entre o religioso e a festa. Com isso percebe-se, que não era apenas com trabalho que se divertiam, as festas ocorriam sempre, pois naquele tempo, a vida pacata, de uma comunidade rural, o tradicionalismo pairava sobre as famílias, e no âmbito religioso, o catolicismo tomara espaço e realizavam-se festas em louvor aos santos, principalmente no mês de junho em louvor a Santo Antônio, São João, São Pedro, as mais animadas festas da região, que duravam dias, já que “a vida não é feita só de trabalho. Há também os momentos de folga, com descanso e lazer, intercalados aos momentos de trabalho” (PESSOA, 2005, p. 7).

A memória aparece, então, como algo concreto, definido, cuja produção e acabamento se realizam no passado e que cumpre transportar para o presente. Diz-se, também, que a memória corre o risco de se desgastar, como um objeto frável submetido a uma ação abrasiva; por isso é que precisa não só ser preservada, mas restaurada na sua integridade original. E também se deixa aprisionar pelo esquecimento, pela ocultação enreda-se em caminhos que não conduzem ao presente; portanto, tem que ser resgatada. (MENESES, 1990, p.10)

Segundo depoimentos, as festas locais duravam noite e dia. O pioneiro, Eudoxo Gomes de Almeida, comenta que cada um fazia sua festa de acordo com o santo de devoção, reuniam-se, rezavam e festejavam. Com base nestes relatos é que percebemos o início das festividades religiosas em Mozarlândia, por volta de 1930.

---

<sup>36</sup> Entrevista realizada com Joaquim da Penha Gomes em 08 de julho de 2010.

O entrecruzar do sagrado e o profano, nas festas em louvor aos santos e também nas comemorações natalinas, como forma de agradecer pelas graças recebidas, e a junção com dia e noite de muito bebida alcoólica, e a mistura entre várias culturas "acontece em vários lugares, com recurso ou sem recurso, com formação ou sem formação, com platéia ou sem platéia. Ela acontece onde acontece o pulsar da vida do povo" (p. 9) fez com que prosseguissem com tais festividades, podendo ser construído a partir da memória dos que já participavam e que assim exprimem sensibilidades em,

[...] atos, em ritos, em palavras e imagens, em objetos da vida material, em materialidades do espaço construído. Falam, por sua vez, do real e do não-real, do sabido e do desconhecido, do intuído ou pressentido ou do inventado. Sensibilidades remetem ao mundo do imaginário, da cultura e seu conjunto de significações construído sobre o mundo. [...] Sonhos e medos, por exemplo, são realidades enquanto sentimento, mesmo que suas razões ou motivações, no caso, não tenham consistência real. (PESAVENTO, 2005, p. 58)

As festas religiosas produzidas por pessoas comuns, leigos, religiosos, enriquecem a memória individual e coletiva, e através de entrevistas orais com mozarlandenses, se tornou possível a construção da identidade cultural da festa, percebendo que a manifestação cultural popular, entre o espaço sagrado da Igreja e o profano do pátio da festa, e entrecruzamento entre o sagrado e o profano presente no ambiente festivo. A igreja ainda não detinha o poder religioso, pois a cidade era distante, realizavam seus rituais e propagavam sua fé, como acreditavam que devia ser.

Com o crescimento da população, vinda de várias famílias, foi expandindo a necessidade do controle por parte da igreja, "O poder simbólico é um poder de construção da realidade que tende a estabelecer uma ordem" (BOURDIEU, 2007, p. 9), assim padres, ou até mesmo religiosos, começaram a fazer visitas na região, onde se instalava na fazenda de alguma família, a notícia se espalhava, e assim em um mutirão, este religioso atendia confissões, realizava batizados, primeira eucaristia, crisma e casamentos, assim em nome de Deus detinham o poder simbolizado pelo religioso, para que a igreja pudesse manter a ordem entre os fiéis.

Com o passar dos anos, as visitas passaram a ser mensais, dando um suporte maior a população. A população foi aumentando consideravelmente, os católicos locais construíram uma capela em louvor a Nossa Senhora da Conceição, onde o Padre passava a freqüentar, ficando por várias semanas, instalando-se na casa de algum fiel, e assim propagando a fé católica, levando aos mais humildes a oportunidade dos sacramentos.

A propagação do catolicismo popular entrelaçou-se com o catolicismo oficial e isso fez com que as festas tidas como manifestações religiosas fossem construídas por representações culturais, e a mesma faz com que tenham uma abordagem sensível as diferentes identidades presentes.

A partir desta construção, as festas religiosas passam a ser controladas por padres, pois estes passaram a participar com frequência das festividades. No ano de 1966, quando foi criada a diocese de Rubiataba-Mozarlândia, a representação de uma autoridade religiosa tornou-se eficaz na propagação dos cristãos, e em 1968, quando se criou a Paróquia de Nossa Senhora do Perpétuo Socorro, a necessidade de controle da população por parte da igreja fez com que padres passassem a residir em Mozarlândia, conforme dados encontrados no livro de tombo da igreja da Cidade de Rubiataba sede da Diocese<sup>37</sup>.

Dentre os vários motivos que atraem os participantes para festas religiosas, estão a Procissão do Fogaréu, em Goiás; do Divino Pai Eterno, em Trindade; Nossa Senhora da Penha, em Guarinos; a Romaria do Muquém, Nossa Senhora do Rosário, em Catalão; Sant'Anna, em Inhumas; festa do Divino em Pirenópolis e outras afamadas, que atraem milhares de devotos, para pagar ou fazer promessa, pedir ou agradecer uma graça recebida ou um bem alcançado.

A festa em Louvor a Nossa Senhora do Perpétuo Socorro, não tomou tais proporções, é uma festa mais simples, não existem visivelmente uma quantidade de devotos, não atendem a quantidade de pessoas, a cidade não gira em torno da festa por esses dias, até mesmo, por que a festa possui acesso restrito a igreja, não como outras que acontecem nas ruas com barracas.

---

<sup>37</sup> Ver em anexo C.

A festa não é vista com destaque por ser em Louvor a Nossa Senhora do Perpétuo Socorro, mesmo com a realização de novena em honra a santa, e missas na matriz, grande parte da população veem à festa como uma festa paroquial, mais conhecida como “festa do padre”, e apesar de ser comentado, anunciado em carro de som nas ruas, na rádio e também no cartaz, “festa de Nossa Senhora do Perpétuo Socorro” não soa esta denominação. Seria porque o dia em comemoração a santa não é comentado? Pois dia 27 de junho é o dia para se louvar, e, no entanto a festa é atualmente realizada no mês de maio, simplesmente pelo fato de não ser confundida com mais uma festa no mês de junho, por que todos os anos as escolas, bairros e outras instituições realizam festas juninas. O certo é que a festa é religiosa mas predomina os fins lucrativos.

No Brasil, o dia 12 de outubro, é mais exaltado em louvor a Nossa Senhora Aparecida, acredita-se que por ser uma devoção mais conhecida, muitas vezes o dia de louvar Nossa Senhora do Perpétuo Socorro, não é esquecido, por parte dos devotos é lembrado e assim cada um comemora como achar necessário, mas até mesmo para a igreja, que dá mais ênfase a padroeira do Brasil.

Este é um grande problema que muita influencia a comunidade, acredita-se que a falta de entusiasmo em comemorar o dia em homenagem a santa ofusca a festa, que era realizada no mês de junho, para que no dia em louvor a Mãe Perpétua fosse feito o encerramento da novena, com coroação e procissão. O ambiente festivo era típico de uma festa junina, com fogueira, barracas, pescarias, doces, bandeirolas, fazendo com que fosse “mais uma” festa no mês de junho, aos poucos o caráter religioso foi se perdendo, porém o dia em que haveria de ser exaltado era louvado.

Com o passar do tempo, como conta Cleidiana do Amaral, leiga da igreja, a festa passou a ser realizada no mês de maio, continuou com aspecto junino a pedido do Pe. Edvaldo,

[...] por que também era o mês de Maria, por que era o mês das mães e o um mês antes de todas as festividades. E nessa mesma época já tinha o movimento muito grande, do frigorífico Bertin, hoje JBS, sabendo que o pagamento dos trabalhadores lá, dos funcionários, era feito no início do mês

então é, para conhecidisse, com este pagamento, a festa veio também para o início de maio, distanciada mais ainda do dia de nossa senhora do Perpétuo Socorro, que é 27 de junho, e a gente percebe que o fator principal foi o econômico mesmo.<sup>38</sup>

Interessante perceber que vários são os fatores que levam as pessoas a participarem da festa. Vale ressaltar o que seria mais importante, porém o menos encontrado, é a devoção a Nossa Senhora do Perpétuo Socorro, que em Mozarlândia não é o principal fator que levam as pessoas a irem à festa, isso é percebido ao observar a festa e através das entrevistas realizadas com participantes e organizadores da festa, e muitos acreditam na hipótese de que os fiéis sentem por obrigação em ajudar a igreja, e como o intuito da festa é a arrecadação para a manutenção da igreja e das obras durante todo o ano, e como católicos percebem a importância de colaborar, participando, patrocinando e doando prendas para o leilão.

Descobrir o que leva as pessoas a irem à festa, é bastante complexo, pois analisar qual é realmente o motivo que os fazem participar da festa, diversifica de pessoa para pessoa. Poderia ser a fé? A diversão? A curiosidade? Vários são os fatores que levam a comunidade a participar.

Um das inquietações que rodearam este trabalho foi o motivo que levam as pessoas a irem à festa. É importante ressaltar que muitas pessoas que moravam na cidade, e hoje residem em outro local, até mesmo outro estado, todos os anos vêm para participar da festa e em todos os dias, amigos, parentes e amigos dos fiéis também participam, percebe-se no ambiente da festa a quantidade de visitantes, até mesmo durante a missa, pois o pároco faz questão de apresentar e deseja boas vindas aos visitantes. “A história Cultural é uma forma de contar como as pessoas vivem o seu dia a dia e como pensam esse viver; a maneira de celebrar a religião e as festas, por exemplo, é uma delas” (DEUS e SILVA, 2002, p.9).

Para Pesavento (2005) “Montar, combinar, compor, cruzar, revelar o detalhe, dar relevância ao secundário, eis o segredo de um método do qual a História se vale” (p. 65), pois para que o ofício do historiador seja reconhecido, é necessário

---

<sup>38</sup> Entrevista realizada com Cleidiana Maria do Amaral em 16 de junho de 2010.

identificar elementos que possam contribuir através dos moradores antigos, que sempre participaram e colaboram com as festividades ao longo dos anos, utilizando da memória individual e coletiva, para apresentar qual é o intuito da festa. A memória traz a tradição e as praticas reproduzidas na festa são ressignificadas a medida que os sujeitos que dela participam também se modifica.

### **3.2. A festa em louvor a Mãe Perpétua sendo construída através da memória coletiva**

O ícone de Nossa Senhora do Perpétuo Socorro foi trazida para Mozarlândia, e entronizada como padroeira pelos Padres Redentoristas, que fundaram a Paróquia em 1968. Esta foi criada por um Bispo da Congregação do Santíssimo Redentor, uma devoção que se propagou pelo mundo inteiro bastante conhecido por causa das novenas perpétuas, vista por alguns pioneiros da cidade como uma imposição, tirando a Nossa Senhora da Conceição Aparecida, santa de devoção da comunidade, e essas informações somente são levantadas graças à memória.

Segundo a memória popular dos participantes de festas, desde que existe festa, o que atrai as pessoas principalmente nas festividades religiosas não é a devoção e sim a diversidade da programação. Em Mozarlândia não é diferente, acredita-se que grande parte dos participantes, vão a festa para encontrar amigos, para dançar, se divertir. Também há algumas pessoas que vão pela fé a Nossa Senhora do Perpétuo Socorro e outras para colaborar com a festa, em termos de consumir e arrematar leilões, assim contribuindo para os fins lucrativos da festa, já que atualmente este é um dos fatores que determinam a festa.

Maria Pereira Mendanha Souza afirma que a prestação de contas da igreja é feita em três dimensões sendo Missionária, Religiosa e Social, onde uma atende tudo o que entra e sai, sendo controlada, pelo Conselho administrativo, composto pelo padre, contador, secretário e outros,



[...] segundo objetivo, como eu disse, que tem também o objetivo material, primeiro é a fé e a religião, a devoção, mais também nós temos o objetivo financeiro, que seria as construções, a reforma, a manutenção e também a formação com os membros das paróquias, são, que recebem formações em outras cidades também, quando o dinheiro mensal não cobre com a despesa é retirado desse fundo da festa que também é aplicado nas construção e nas reforma.<sup>39</sup>

A instalação do Frigorífico influenciou e, ainda influência muito na Festa, tanto positivamente como negativamente, podendo contatá-los a seguir partindo do uso da memória coletiva. Percebe-se que a população encontram-se insatisfeitas com o “rumo” que a festa tomou, o desempenho em lucrar, faz com que muitos sintam-se afastados da festa, Maria Francimar como participante da festa, informa que as famílias humildes não participam com fervor,

A festa da igreja é uma festa pra ricos, eu vejo assim que tem um dia destinado a pobres, né? é o dia que o leilão vai ser pelo preço que foi entregue lá, mas nos outros é um absurdo o valor que se paga num pedaço de leitoa, num frango etc., e tal, e o jogo que eles fazem assim, é tanto que é (...) faz questão de falar “o gerente da fazenda tal” né? “o dono de fazenda tal, o dono de tal” cita, faz a propaganda do comercio, instigando o cidadão a pagar um pouco mais na prenda, então eu vejo.<sup>40</sup>

Diante destas constatações, percebe-se que esta influência tem sido, fundamental para tantas modificações, e assim o lado cultural está sendo alterado, pelo capitalismo, a festa passou a perder o que deveria ter mantido, o que haveria de ser conservado pelas gerações, trazidos pelas tradições, a festa religiosa, de propagação da fé, naquela ambiente bastante festivo, intrigante pelo uso da bebida alcoólica, porém agradável aos olhos dos participantes, que festejavam sem ter hora para parar, e voltavam para suas casas com a certeza de que divertiram com seus familiares e amigos.

---

<sup>39</sup> Entrevista realizada com Maria Pereira Mendanha Souza em 23 de agosto de 2010.

<sup>40</sup> Entrevista realizada com Maria Francimar de Oliveira Agázio em 06 de junho de 2010.

Aos olhos da igreja e de quem promove, melhorou a participação da comunidade, aumentou a arrecadação da festa, mas não percebem que a cada ano que passa o empenho da festa gira em torno da economia, e as pessoas menos favorecidas que vão à festa com o intuito de participar, colaborar acabam não podendo por falta de recursos necessários para arrematar um simples leilão, que é a atração e principal diversão da festa,

A ênfase então dada a economia tinha raízes, profundas, derivadas de um contexto em que problemas relativos ao desenvolvimento e subdesenvolvimento estavam na ordem do dia e eram cada vez mais agravados por movimentos em escala mundial como a Guerra Fria, a internacionalização do capital, a descolonização etc. (FLORENTINO, 1997, p. 53/54)

Enquanto isso, as pessoas que de classe baixa, vai se distanciando pelo cansaço no trabalho e a correria do dia-a-dia, e não querem saber de festa para quebrar a rotina, “O homem foi reduzido [...] aos poucos parece perder a capacidade de brincar, de fantasiar. A festividade é improdutiva, é fim em si mesmo. É um perder tempo”. (TABORDA, 1987 *apud* PESSOA, 2005 p. 28)

Com base nas entrevistas, percebe-se que o frigorífico, trouxe uma cultura capitalista, pois a geração de emprego, bons salários fizeram com que mais pessoas participassem da festa, o que contribuiu para que a cada ano que passa a arrecadação fosse maior, porém nunca suficiente para manter as obras e a igreja, pois enfatizam que o dízimo não é suficiente para manutenção da igreja, e de suas 3 (três) capelas, pois mesmo com o aumento da população, e conseqüentemente o aumento do dízimo, surgiu a necessidade de aumentar a igreja, construir mais capelas, salas para a catequese, e aumentar o espaço para a realização da festa, assim realiza-se muitas obras, como construções e reformas.

O intuito da festa para quem promove, onde o “o poder subordinado, é uma forma transformada, quer dizer, irreconhecível, transfigurada e legitimada, das outras formas de poder” (BOURDIEU, 2007, p. 15) é que ela seja um momento de partilha e

confraternização, mas sabe-se que tem como propósito a manutenção da igreja, e Padre Junior enfatiza que,

Por que se fosse só o aspecto, econômico, por que é importante também por que nossas paróquias precisam nós íamos deixar de fazer festa, por que aí, a tendência é ,das igrejas é maior na conscientização, conseqüentemente o dízimo cresça e ajude a manter uma paróquia tranqüilamente mas a igreja, ia até sobrar para construções para outras obras [...] e por fazer parte das raízes do catolicismo brasileiro a igreja conserva isso sim, e a igreja além de guardar esta tradição antiga que é bonita, a igreja aproveita daquele espaço para evangelizar, aproveita daquele espaço para haver maior aproximação, amizade entre as pessoas, para que as pessoas sintam ali no espaço da igreja ,um lugar alegre para descontrair .<sup>41</sup>

Já Renato Lemos, que participa da festa há muitos anos, entende que “o intuito da festa é renda, pra reforma da igreja, das capelas e da manutenção, do salão paroquial, a catequese, comprar livros para livraria. Tem a manutenção do padre, das irmãs, então a despesa é grande, telefone, água, energia.

Muitas pessoas com o objetivo de servirem a Deus colaboram, doam seus serviços, pois acreditam que estão retribuindo a graça de recebida por Ele. Cleidiana Maria do Amaral conta que até mesmo os fazendeiros que foram agraciados pela vinda do Frigorífico querem retribuir por terem “para quem vender seu gado, então houve esta movimentação financeira, e quem é católico, lembra se de que? Tudo isto é benção de Deus. E a festa paroquial é uma oportunidade, das pessoas mostraram este agradecimento.”<sup>42</sup>

Maria Francimar de Oliveira Agázio menciona que à medida em que cidade evoluiu a igreja foi crescendo, a festa foi ganhando nos sentidos, diversos do religioso, se tornando uma festa comercial, onde o fim é só obter dinheiro, lucro pra igreja, esquecendo a diversão que existia e o relacionamento afetivo entre os setores de animação da igreja. Com o passar do tempo, e por consequência das

---

<sup>41</sup> Entrevista realizada com Pe. Adalberto Gonçalves Araújo Junior em 30 de julho de 2010

<sup>42</sup> Entrevista realizada com Cleidiana Maria do Amaral em 16 de junho de 2010.

constantes transformações a festa passou a ser controlada, estipulou-se horários e início e término, pois com a chegada do Frigorífico o índice de violência aumentou,

Acredito que a mudança foi intencional, a mudança que ocorreu na festa foi realmente intencional, é tanto que hoje assim, a festa tem hora pra começar, tem hora pra terminar, a festa tem suas regras, coisa que não existia antes, na minha época de jovem assim, quando eu tinha dezessete anos, eu era líder de um grupo de jovens, nossa festa, as vezes a festa ia até seis horas da manhã, entendeu? então assim, era uma festa sem brigas não existia essa encrenca que existe hoje em qualquer festinha que acontece pode ter violências, talvez também, seja esse motivo da festa acabar muito cedo, mas na minha época não agente é, nos éramos quarenta jovens e agente o dia que a festa era nossa, não tinha hora pra terminar, agente as vezes terminava uma festa, começando a arrumar pra próxima do dia seguinte.<sup>43</sup>

A cidade se viu envolvida pelo rápido desenvolvimento, principalmente em 2000 com a instalação do Frigorífico Bertin em Mozarlândia, a igreja aumentou seu território e poder, pois haveriam de conter as manifestações da globalização que leva a sociedade ao consumo. Interessante expor que tais pluralidades entendidas como cultura, manifestam-se influenciadas pela globalização, dificultando a sobrevivência do tradicionalismo em função da modernização.

Apesar de existirem muitas festas na cidade, as famílias que ainda vivem aos moldes tradicionais, não participam das festas comuns na cidade, como as de som automotivo, carnaval, pecuária, shows, boate. A carência de festas voltadas para as pessoas tradicionalistas, com as festas realizadas pela igreja geralmente é um momento em que “as pessoas se encontram, revêem amigos, têm seus namoros, reencontram parentes distantes” (DEUS e SILVA, 2002, p. 10) e por tal motivo, algumas famílias somente são vistas em comemorações na igreja, nesse caso, uma vez por ano na festa em louvor a padroeira da cidade de Mozarlândia, Nossa Senhora do Perpétuo Socorro.

---

<sup>43</sup> Entrevista realizada com Maria Francimar de Oliveira Agázio, em 06 de junho de 2010.

### 3.3 A “invenção das tradições” e a sobrevivência do tradicionalismo

As relações desenvolvidas pelos indivíduos em sociedade desencadeiam as mais variadas convivências, porém na religião é possível entender uma parte significativa delas, por isso, essa influência, na tradicional festa religiosa, obtidas a partir dos testemunhos relatados por alguns entrevistados que já apresentamos até aqui.

São nestas mínimas sensibilidades que percebemos que as tradições religiosas perpassam por alterações que as ressignificam muitas vezes motivadas por relações de interesses e poder conforme pudemos constatar em depoimentos de devotos antigos. Para Hobsbawm (1997) estas implicações desencadeiam reflexões que nos levam a constatar que,

O termo “tradição inventada” é utilizado num sentido amplo, mas nunca indefinido. Inclui tanto as “tradições” realmente inventadas, construídas e formalmente institucionalizadas, quanto as que surgiram de maneira mais difícil de localizar num período limitado e determinado de tempo – às vezes coisa de poucos anos apenas – e se estabeleceram com enorme rapidez. [...]. É obvio que nem todas essas tradições perduram; nosso objetivo primordial, porém, não é estudar suas chances de sobrevivência, mas sim o modo como elas surgiram e se estabeleceram. (HOBSBAWM, 1997, p. 9)

Assim, segundo Deus e Silva (2002), esse conjunto de hábitos tornou-se tão comum, que ninguém sabe explicar ao certo, onde e nem como surgiu, foi passado de geração para geração, e esse tipo de manifestação tornou-se tradição.

Vários fatores, presentes na festa, apresentam a confluência entre o sagrado e o profano, percebidos no que se realiza dentro da igreja, e fora da igreja, no pátio, como se fossem um pedaço de madeira dividido em dois, “o tempo festivo no qual se vive durante as cerimônias é caracterizado por certas proibições (tabu): nada de ruído, de jogos, de danças. A passagem do Tempo profano ao Tempo sagrado”. (ELIADE, 1992, p.46). Eles se misturam e acabam acontecendo de forma natural.

Outro dado importante é relacionar que a partir da chegada do Frigorífico Bertin na cidade, fazendo com que tudo no município e também a festa acompanhasse a modernização de uma cidade tradicionalmente ruralizada. Esta festividade passou a girar em torno deste, pois influenciou em vários aspectos na comemoração, pois foi este agroindustrial que deu o “ponta pé” inicial para estas significativas transformações em tão pouco tempo. Diante disso, é possível afirmar que tais influências capitalistas refletiram em vários fatores intrínsecos à festa comprovando a invenção de novas tradições presentes neste objeto e fortalecendo novas relações de poder.

Percebe-se a influência nos dias da festa, que deve anteceder a data do pagamento da empresa, a decoração difere todos os anos, de acordo com tema, ou algo bastante comentado no decorrer do ano, foi modernizando, acompanhando o crescimento da cidade e essas influências, que abalam as estruturas, acabaram mudando o “rumo” da festa, em prol de um agroindustrial, o qual gerou “o modelo do crescimento econômico, desenvolvimento político, progresso intelectual e realização cultural [...] o capitalismo industrial tornou-se uma genuína economia mundial e o globo estava transformando” (HOBSEBAWM, 1997, p. 77).

Importante ressaltar que segundo Maria Francimar, a festa possui aspecto positivo, a devoção em Nossa Senhora do Perpétuo Socorro, foi o tempo e as modificações que fizeram com que perdesse a tradição religiosa, e enfoca que a correria do dia-a-dia e o cansaço fazem com que os trabalhadores sejam dominados pela mídia, deixando não somente Deus de lado, mas também a devoção a Nossa Senhora. E muitas pessoas que gostavam de participar vendo outras dançarem, ou curtir o som ao vivo, e até mesmo quem gosta de dançar, ficaram insatisfeitos, pois como a festa tem hora para acabar, e por sempre terem muitos leilões, tornou-se inconveniente, tocar muitas músicas, para não perder tempo,

Medida que foi evoluindo, a igreja foi crescendo a festa foi mudando o sentido também, a festa deixou de ter um sentido religioso, para ser mais uma festa comercial, onde o fim é só obter dinheiro, lucro pra igreja e só, a gente não vê a diversão que existia, nem a troca de afetividade que tinha na festa anterior. [...] A festa nasceu movida pela fé na santa, as pessoas eram,

mais devotas, elas oravam mais, se reuniam para orações, hoje a televisão não permite isso, se a missa em louvor a Santa for no dia que termina a novela ninguém vai, o padre pode é mudar de horário, então a mídia domina as pessoas e a fé fica pra depois, a devoção fica pra mais tarde, acredito que naquela época também por não ter tanta televisão, as pessoas eram mais devotas, oravam mais, havia mais relação de solidariedade e amizade de aconchego na igreja, hoje eu percebo que não é bem assim que funciona, na minha época, que eu participava e quando eu percebia essa festa, era uma festa mais voltada pra devoção, hoje é mais pra economia, assim pra não deixar passar batido do dia da padroeira, mais com intenção também de arrecadar dinheiro. Isso fez com que as pessoas, que são economicamente favorecidas é se ponham mais na festa, se manifestem mais, fez essa festa crescer economicamente, outra fator, antes nós tínhamos som ao vivo e tudo mais, por que assim, eram os voluntários da cidade e agente vê assim, quem toca, forro, são as pessoas pobres quem tem seus pandeirinhos, seus violõesinhos, lá no fundo do quintal, e toca nas suas serestinhas de fim de semana e que era esse pessoal que fazia a festa, tocavam ao vivo e a cores hoje não tem, nem mesmo pra só pra alegrar, não hoje não tem dança.<sup>44</sup>

Já Benedito Mendanha, em sua entrevista elenca que era muito bom quando a festa envolvia mais as pessoas humildes, principalmente quando havia celebrações e em seguida festas nas comunidades rurais, e muita coisa que acontecia antes não existe mais, como a rainha da festa, que as famílias gostavam quem conseguisse arrecadar mais dinheiro era eleita a rainha, essa disputa era feita por crianças com a participação dos pais e o que ainda permanece conhecido como o tradicional na festa,

A mudança é pouca mais, uns levantava fogueira, ascendia, levantava mastro, outros já num, no trabalho de prenda e os leilão era os mesmo, os leilão todo mundo ajudava. No começo, tempo do padre Nei, principalmente, tinha a as rainha, então saia pedindo, pedia prenda, pra disputa, só que tinha um negócio que nos não concordávamos, sempre ajudava a organizar, era ruim porque a perdedora, ficava contrariada. Então aquilo não era bom, foi visto que disputa em festa religiosa não era bom, então resolvemos tirar.<sup>45</sup>

---

<sup>44</sup> Entrevista realizada com Maria Francimar de Oliveira Agázio em 06 de junho de 2010.

<sup>45</sup> Entrevista realizada com Benedito Tomaz Mendanha em 24 de julho de 2010.

Sabe-se que o Frigorífico em si, não age diretamente, patrocinando, ou apoiando a festa, e sim os funcionários deste, pois muitos não tinham oportunidade de um emprego bom e sentem-se realizados estando empregados na empresa, assim por ter sido fator determinante para o aumento da população, dando oportunidades a milhares de pessoas, com emprego, fez com que viesse pessoas de todo o país, aumentando o número de fiéis e dizimistas, leigos, e conseqüentemente elevou-se o número de doações.

A devoção popular passa por flutuações após a instauração de um referencial agroindustrial, pois a igreja católica era detentora da maior parte dos religiosos, e após surgem outras igrejas protestantes, percebe-se assim certo balanço, na entrada de novos moradores e na saída de pessoas para participarem de outras religiões.

Outro dado importante é perceber que a festa difere de ano para ano, e de pároco para pároco. Quando a festa iniciou em 1968, não era realizada todos os anos, pela falta de padre na paróquia, quando tinha padre, ou quando a comunidade se empenhava, a festa acontecia, mas em alguns anos a festa não foi comemorada. Sendo assim, a partir do momento em que os padres passaram a residir firmemente na cidade, a festa passou a ser anualmente.

No início a festa era realizada na frente da igreja, usava-se a rua, depois passou a ser em um barrão de palha ao lado da igreja, com o passar do tempo, a comunidade foi aumentando, e a estrutura foi melhorando, durante algum tempo a igreja com a construção de galpão chamado artesanato, para que trabalhasse com a comunidade, na confecção de artesanatos, e também na propagação de profissões como marceneiro, serralheiro, cabeleireiro e outros, local de jogos, mesmo sendo longe da igreja, a festa passou a acontecer neste local, em seguida passou a se fazer no pátio da igreja. A estrutura foi aumentando de acordo com que aumentou a quantidade de católicos, bem como as condições financeiras para a realização de obras. Vale lembrar que essas modificações ocorreram antes da implantação do Frigorífico.

Em alguns anos a festa acontecia durante os nove dias da novena, outras vezes, durante dois finais de semana, em outros anos, aconteceu durante todo o



mês de junho, sendo realizadas também nas comunidades rurais, e nos bairros, e atualmente resumi-se em apenas um fim de semana, pois se acredita que seja suficiente para arrecadação necessária.

A comunidade está sempre colaborando, os fiéis sempre doaram, itens como sacos de batata, frangos, pratos e copos descartáveis, as prendas e o gado para o leilão, mesas e cadeiras, e outros, os patrocinadores colaboram e atualmente organizam para que os comerciantes patrocinem a festa, para que assim o padre não fique pedindo e dependendo tanto da boa vontade dos doadores. As doações continuam, mais o giro comercial, a propaganda que elege os comércios fazem com que os donos dos comércios contribuam.

Tradicional em si, é a festa, pois realizada por mais de quarenta anos, porém a tradição foi reinventada por muitas vezes, a festa possui o ritmo de cada padre e do grupo que realiza a festa. A cada ano que passa, as coisas vão mudando, cardápio, atrativos, musicas, decoração e outros. Tudo funciona de acordo com a cultura do local, no passado eram organizadas por grupos de jovens, e crianças algumas apresentações, mas que ao longo dos anos foram esquecidas, pois é o “contraste entre as constantes mudanças e inovações do mundo moderno [...] que torna a “invenção da tradição” um assunto tão interessante para os estudiosos da história contemporânea.” (HOBBSAWM, 1997, p. 10).

O cardápio variou muito com o passar dos anos, quando a festa tinha um aspecto junino, havia pipoca, amendoim, milho, tipos de arraiais, refrigerante, cerveja, quentão, caldo, e outros, atualmente resume-se em comidas práticas como caldo, porção de batata, refrigerante, pizza (brotinho) água e suco. Os organizadores da festa, pautam por menos trabalho, procuram mudar o caráter da festa, acompanhando novas proporções que a mesma toma com o aumento dos participantes, e para que fique mais fácil o atendimento, aumentam o espaço e o grupo de garçons, já que

Eles transformam as comemorações religiosas em oportunidade para recriar seus mitos, sua musicalidade, sua dança, sua maneira de vestir-se e aí reproduzir suas hierarquias [...]. As festas não apenas ensinam a reunião

de pessoas como ressaltam a necessidade de comunicação. (DEL PRIORE, 2000, p.89- 90)

O leilão do gado envolve os fazendeiros, chacareiros e sitianteiros do município, todos doam seu bezerro, novilho com o intuito e o prazer de ajudar a igreja, atualmente o leilão arrecada uma quantidade surpreendente graças ao “bom coração” destas pessoas. Porém, sabemos que ações desta natureza são de tudo desprovidas de interesse pois,

A cultura dominante contribui para a integração real da classe dominante (assegurando uma comunicação imediata entre os seus membros e distinguindo-os das outras classes) [...] a cultura que une (intermediário de comunicação) é também a cultura que separa (instrumento de distinção) e que legitima as distinções compelindo todas as culturas (designadas como subculturas) a definirem-se pela sua distância em relação à cultura dominante. (BOURDIEU, 2007, p. 10/11)

Quem comanda a festa? Eis a questão, muitos acreditam que na festa não existe controlador, que a comissão organizadora em conjunto resolve tudo, mas isso não acontece dessa forma, o aval final, algumas imposições ou contrariedades vem da pessoa do pároco, este que tem o poder de comandar não somente a festa, mais tudo que é organizado pela igreja. Desde as decisões mais simples. Mas o padre não consegue realizar a festa sozinho, pois uma festa nessa proporção não pode ser feita por uma só pessoa, e neste “ato de fé e solidariedade”, a igreja conta com a colaboração de muitas pessoas e coordenadores de pastorais e são eles que movem e constroem estas sociabilidades.

A propagação da religiosidade, a confraternização entre os fiéis como objetivo da festa, esta presente no discurso da igreja, mas para a comunidade o que fica explícito é que o verdadeiro intuito da festa é o lucro, os controladores da festa, se importam pela arrecadação, e não mais com a confraternização, marcado por um “discurso dominante, intermediário estruturado e estruturante que tende a impor a apreensão da ordem estabelecida como natural” (BOURDIEU, 2007, p.14).

Em suma, nota-se que a festa precisa reviver sua tradição de encontro entre as famílias, recuperando a festividade, como lazer. A modernização, o giro de capital,

investimentos, fazendo com que aumentasse os fiéis católicos, e conseqüentemente os participantes os participantes da festa. E esse aumento contribuiu para que a festa ganhasse maior número de adeptos e colaboradores, fazendo com que o sucesso almejado atinja a expectativa da igreja a cada ano que passa, melhorando na estrutura, aparência e organização, jamais voltando ao que era previsto no passado, como uma festa realmente religiosa. Fica evidente que os redentoristas exercem controle sobre a festa, como outros agentes, mas não conseguiram acabar com o que a igreja definia como imoralidade.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

Este trabalho propiciou uma discussão historiográfica, dando a importância merecida às singularidades e a História Local. O estudo das festas religiosas são expressões culturais que garantem uma ampla conversa em torno das diversas manifestações do cotidiano popular, religioso e não religioso, no qual permearam as investigações deste objeto.

Mostrou a importância da religião e das religiosidades como colaboradoras de sociabilidades, sensibilidades, presentes nas práticas e representações entre o sagrado e o profano, a “fé” e o divertimento.

A metodologia utilizada, história oral, possibilitou a reconstrução desta maiúscula cidade que se destacou no cenário nacional e mundial após a implantação do Frigorífico Bertin, responsável pelo caráter, hoje econômico, adquirido pela Festa Paroquial, que se tornou financeira, na tentativa de saldar as dívidas contraídas pela Igreja Católica, a fim de construir os santuários destinados à oração e conforto dos cristãos mozarlandenses em reformas nas igrejas.

A corrente teórica que fundamentou esta pesquisa foi a Nova História Cultural, pois abrangeu uma busca interminável de novas práticas relacionando a cultura e o universo social, visando novos conjuntos de temas para investigações que distanciem da comunidade e voltem para as diferenças.

Com as leituras feitas, nota-se que Mozarlândia remonta os tempos antigos, oriundos do século XVII, onde em 1755, foi fundado o Arraial de Tesouras, as margens do rio Tesouras, pelo então governador da Província de Goiás, o conde de São Miguel, que percorreu esta região na busca de ouro, e foi possível (re)construir a história desta cidade, até o cenário hodierno.

De tal forma as inquietações elencadas no decorrer do trabalho, foram percebidas dentro do universo social da festa, que virou palco de diversidades. Partindo do viés social-político, o intuito da festa multiplicou, tornando-se cada vez mais difícil perceber qual a intenção da festa, mas que ao final deixou visivelmente

claro que não é religioso e sim lucrativo, conforme os testemunhos orais de muitos cidadãos entrevistados.

E com este trabalho acredita-se ter alcançado o objetivo principal que era o contribuir com a historiografia local, analisando a Festa em Louvor a Nossa do Perpétuo Socorro, sob o viés religioso, esclarecendo e valorizando a festa, que além de religiosa passou a ser palco de poder e relações comerciais.

Por último, cabe acrescentar que esta festa religiosa produzidas por pessoas comuns, leigos, religiosos, enriquecem a memória individual e coletiva dos mozarlandenses, unindo a manifestação cultural popular, entre o espaço sagrado da Igreja e o profano do pátio da festa, cruzando assim o sagrado e o profano presente no ambiente festivo. Uma vez que a vida não é só feita de trabalho, mas também de festa.

## FONTES

1. Arquivo Geral da Cúria Diocesana. Rubiataba-GO
  - 1.1 Bula Papal, Criação da Diocese de Rubiataba-Mozarlândia.
  - 1.2 Livro de Tombo, nº1 – Criação da Paróquia Nossa Senhora do Perpétuo Socorro.
  - 1.3 Decreto 04/83 – Criação da Paróquia Nossa Senhora do Perpétuo Socorro

Documentos Avulsos:

  - 1.4 Figura do Brasão da Diocese
  - 1.5 Documento organizado por Mon Senhor Lincoln Monteiro Barbosa
2. Fundação Cultural Frei Simão Dorvi – FFSD
  - 2.1 Livro de Autógrafo, nº 258, 1955 – Eleva Mozarlândia a Distrito.
3. Livro de Cântico da Diocese de Rubiataba-Mozarlândia. (Aruanã, 2002)
  - 3.1 Mapa da Diocese de Rubiataba-Mozarlândia – Tema: Cremos na Civilização
4. Anuário Católico 2009/2010
  - 4.1 Dados quantitativos a cerca da circunscrição diocesana: Paróquias e comunidades, extensão e quantidade de habitantes.
5. <http://www.tribunacampineira.com.br/index.php?option=comcontent&view=article&id=255:campinas-nossa-terra&catid=24:campinas&Itemid=11>
  - 5.1 Campinas, Nossa Terra, 2008. Jornal *Online*, notícias sobre Nossa Senhora do Perpétuo Socorro e a modernização do catolicismo em Goiás.
6. <http://www.ibge.gov.br/cidadesat/painel/painel.php?codmun=521400>
  - 6.1 Senso demográfico quantitativos, acerca da territorialidade, origem da população, quantidades de habitantes na cidade de Mozarlândia-GO.
7. [http://www.dioceseserumo.com.br/site/?secao=vozes\\_pastor](http://www.dioceseserumo.com.br/site/?secao=vozes_pastor)
  - 7.1 Selo de Armas da Diocese de Rubiataba/Mozarlândia. Significado do Brasão.

## ENTREVISTAS

<b>NOME</b>	<b>IDADE</b>	<b>DATA</b>
Edgar de Alencar Mota	83 anos	29/09/2008
Luiz Vieira Melo	61 anos	16/05/2010
Maria Francimar de Oliveira Agázio	45 anos	26/06/2010
Fenelon Ferreira Camelo	75 anos	16/05/2010
Sebastiana Bonifácio Magalhães	78 anos	21/09/2008
Benedito Tomaz Mendanha	78 anos	29/09/2008
Pe. Adalberto Gonçalves Araújo Junior	45 anos	30/07/2010
Joaquim da Penha Gomes	84 anos	08/07/2010
Cleidiana Maria do Amaral	38 anos	16/06/2010
Maria Pereira Mendanha Souza	47 anos	23/08/2010
Renato José Lemos	75 anos	22/07/2010

## REFERENCIAS

ALENCASTRE, José Martins Pereira. *Anais da província de Goiás*. Gráfica Ipiranga LTDA. 1ª Edição. Brasília, 1979.

ALMEIDA, Jaime; SOUZA, Ana Guiomar Rego. Qualquer Festa é Festa (?). In: PESAVENTO, Sandra Jatahy (Org). *Sensibilidades e Sociabilidades: perspectivas de pesquisa*. Goiânia; Ed. UCG, 2008, pp.29-37

AMADO, Janaína e FERREIRA, Marieta Moraes. *Usos & Abusos da História Oral*. Rio de Janeiro, Editora da Fundação Getúlio Vargas, 1998.

AMARAL, Ana Cléy. *As transformações espaciais causadas pela pecuária no Município de Mozarlândia*. (Graduação em Geografia) Universidade Estadual de Goiás, 2006.

ASSIS, Pe. Leodônio Marques de. *Pe. Pelágio Sauter O "Apóstolo de Goiás"*. Goiânia: Redentorista. s.d.

AZZI, Riolando. A formação histórica do Catolicismo Popular Brasileiro. In: SANTOS, B. Beni e ROXO, Roberto Mascarenhas. *A Religião do Povo*. São Paulo: Paulinas, 1978, pp. 44-69.

BARREIRA, Celene Cunha Monteiro Antunes. *Região da estrada do Boi: usos e abusos da natureza*. Goiânia: UFG, 1997.

BERTRAN, Paulo. *Notícia geral da capitania de Goiás 1783*. Goiânia: UFG/UCG, 1997.

\_\_\_\_\_. *Formação econômica de Goiás*. Goiânia: Oriente, 1978.

\_\_\_\_\_. *Mozarlândia: O enigma das ruínas do Arraial das Tesouras*. Jornal Tribuna do Vale. 1 de outubro de 1981. Goiânia: Tribuna do Vale, 1981

BOSI, Ecléia. *Memória e sociedade: lembranças de velhos*. São Paulo: Companhia das letras, 1994.



BOURDIEU, Pierre. *O poder simbólico*. Tradução Fernando Tomaz. 11ª. Rio de Janeiro; Bertrand Brasil, 2007.

BRANDÃO, Carlos Rodrigues. *Prece e folia, festa e romaria*. São Paulo: Idéias e Letras, 2010.

BUENO, Raquel Miranda Barbosa. *A senhora luz, a senhora guia: na festa o entrecruzamento da História, Religião e Cultura popular na povoação do Bacalhau – GO*. (dissertação Mestrado). Goiânia: UCG, 2008.

CHAIM, Marivone Matos. *Aldeamentos Indígenas (1749 – 1811)*. L. Nobel: 1983.

COUTO DE MAGALHÃES, José Vieira. *Viagem ao Araguaia*. 1863.

CUNHA MATTOS, Raimundo José. *Corografia Histórica da Província de Goiás*. 2ª. Goiânia: Gov. de Goiás, 1979.

DEL PRIORE, Mary Lucy. *Festas e utopias no Brasil colônia*. São Paulo: Brasiliense, 2000.

\_\_\_\_\_. *Religião e religiosidade no Brasil colonial*. São Paulo: Ática, 1995.

DEUS, Maria do Socorro; SILVA, Mônica Martins da Silva. *História das Festas e religiosidades em Goiás*. Goiânia: AGEPEL/UEG, 2002.

ELIADE, Mircea. *O sagrado e o profano. A essência das religiões*. São Paulo Martins fontes, 1992.

FAUSTO, Bóris. *A Revolução de 1930: Historiografia e História*. São Paulo: Brasiliense, 1972.

FENELON, D. et al. *Muitas memórias, outras histórias*. São Paulo: Olho D'Água, 2000.

FERREIRA, Aurélio Buarque de Holanda. *Dicionário Aurélio Júnior: Miniaurélio Século XXI Escolar: O minidicionário da Língua portuguesa*. 4ª. rev. ampliada. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2000.

FLORENTINO, Manolo; FRAGOSO, João. História Econômica. In: *In CARDOSO, Ciro Flamarion; VAINFAS, Ronaldo (Orgs). Domínios da História*. Rio de Janeiro: Elsevier, 1997.

GOÍAS. SEPLAN (Secretaria de Indústria e Comércio do Estado de Goiás). *PROJETO SE LIGA*, Mozarlândia – GO. Governo Itinerante. Goiânia: Type Propaganda, 2003.

HERMAM, Jackeline. História das Religiões e Religiosidades. In: *CARDOSO, Ciro Flamarion; VAINFAS, Ronaldo (Orgs). Domínios da História*. Rio de Janeiro: Elsevier, 1997.

HOBBSAWM, Eric J; RANGER, Terence. *A invenção das tradições*. Paz e Terra: Rio de Janeiro, 1997.

LEMONS, Carolina Teles. Maternidade e Religião: o caso das devoções marianas. In: *OLIVEIRA, Irene Dias (Org.) Religião no Centro – Oeste: Impacto Sociocultural*. Goiânia: UCG, 2007.

LIMA, José Alberto Evangelista de. *Município de Goiás: uma análise da fragmentação territorial*. Dissertação (mestrado em Geografia), Universidade Federal de Goiás, Instituto de Estudos Sócio-Ambientais, 2003.

KARASCH, Mary. Os quilombos do ouro na Capitania de Goiás. In: *REIS, João José; Gomes, Flávio dos Santos. Liberdade por um fio: História dos quilombos do Brasil*. São Paulo: Companhia das Letras, 1996.

MACHADO, Juliana Rodrigues. *O Sagrado e o Profano na festa de Senhora Sant'ana em Inhumas*. (Graduação em História). Goiás: Universidade Estadual de Goiás, 2007.

MAUAD, Ana Maria. *Através da Imagem: fotografia e história interfaces*. In: *Tempo*. Vol.1. nº 1. Rio de Janeiro, 1996.

MENEZES, Ulpiano Bezerra de. *A História, cativa da memória*. São Paulo, 1990.

NORA, Pierre. Entre memória e história: a problemática dos lugares. In: *Projeto História*. nº 10, Programa de Estudos Pós-graduação em História da PUC/SP. São Paulo: EDUC, dez 1993.

PALACÍN, Luis Palacín; MORAES, Maria Augusta de S. *História de Goiás*. Goiânia: UCG, 1994.

\_\_\_\_\_. *Os três povoamentos de Goiás*. In: *Revista do Instituto Histórico Geográfico de Goiás*. Nº 8. 1979.

PESSOA, Jadir de Moraes. *Saberes em festa: gestos de ensinar e aprender na cultura popular*. Goiânia: UGC/Kelps, 2005.

PESAVENTO, Sandra Jatahy. *História & História Cultural*. Belo Horizonte: Autêntica, 2005.

PESSINATTI, Pe. Nivaldo Luiz. (Org.) *Anuário Católico do Brasil 2009/2010*. 12ª. São Paulo: Promocaltt Ceris, 2009.

POHL, Johann Emanuel. *Viagem no interior do Brasil*. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 1976.

QUADROS, Eduardo Gusmão. *A modernização do catolicismo em Goiás*. Apresentado no III Congresso de Cultura e Identidade. Goiânia: UFG, 2009.

ROUSSO, Henry. A memória não é mais o que era. In: AMADO, Janaína e FERREIRA, Marieta de Moraes, (coordenadoras). *Usos & abusos da história oral*. Rio de Janeiro: Editora da Fundação Getúlio Vargas, 1998.

SANTOS, Leila Borges Dias. Disputa pelo sagrado em Goiás em fins do século XIX: o catolicismo oficial dos bispos Ultramontanos e o catolicismo popular dos leigos. In: *Revista Brasileira de História das Religiões – Dossiê Tolerância e Intolerância nas manifestações religiosas*. Ano I, n. 3, Jan. 2009.

SILVA, Eduardo Duarte. *Passagens: autobiografia de Dom Eduardo Duarte Silva, bispo de Goyaz*. Goiânia: UCG, 2007.

SILVA, Francisco Ribeiro. *História Local: Objetivos, Métodos e Fontes*. Portugal: Universidade do Porto, 1999.

SILVA E SOUZA, Luiz Antônio. O Descobrimento da Capitania de Goyaz: Governo, população e coisas mais notáveis 30 de setembro de 1812. In: *Jornal do Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro*. 4º trimestre de 1849. V. 16. Goiânia: UFG, 1967.

SÜSS, Günter Paulo. *O catolicismo popular no Brasil: tipologia e estratégia de uma religiosidade vivida*. São Paulo: Loyola, 1979.

TELES, José Mendonça. *Bibliografia Silva e Souza*. Oriente, 1978.

ANEXOS



## ANEXO B – Tradução da Bula.

JOÃO PAULO, Bispo, Servo dos Servos de Deus

ad perpetuam rei memoriam

Como as prelazias de Santarém, Marabá, Porto Velho, Diamantino, Pinheiro, Roraima, Formosa, Carolina no Brasil, Humaitá, Ponta de Pedras, Rubiataba e Conceição de Araguaia tenham conseguido um número maior de fiéis e aumento de instituições religiosas e civis, sobretudo, nestes últimos tempos a Conferência Nacional dos Bispos do Brasil pediu a esta Sé Apostólica para que as mencionadas prelazias sejam distinguidas com o grau e a dignidade de dioceses. Nós, portanto, depois de ouvido o parecer do venerando irmão Dom Carmine Rocco, Arcebispo de Justinópolis na Galácia e Nuncio Apostólico no Brasil e haver consultado também os veneráveis irmãos Cardeais da Sta. Igreja Romana, que estão à frente da Congregação para os Bispos, elevamos as mencionadas prelazias ao grau e dignidade de dioceses, conservados os mesmos nomes e limites do momento atual. Além disto, determinamos e decretamos: estabelecemos como sedes episcopais das novas dioceses as mesmas cidades, em que no momento presente estão as sedes das prelazias e elevamos os seus respectivos templos à dignidade de igrejas catedrais, com todos os direitos convenientes. Aos Bispos concedemos em definitivo todos os privilégios e direitos, e ao mesmo tempo, os oneramos com todos os encargos e obrigações que são próprios dos Bispos residenciais.

As dioceses criadas confirmamos como sufragâneas das mesmas igrejas metropolitanas e igualmente as declaramos sujeitas aos metropolitanos das mesmas arquidioceses. Sejam nomeados consultores diocesanos em cada uma delas, que ajudem os Bispos com o seu parecer e o seu trabalho até que se institua o Cabido dos Cônegos que, em outra oportunidade, deverá ser criado por outras Letras Apostólicas. Constituem, cada um de sua parte, as mesas episcopais, emolumentos da Cúria, dons e bens dos fiéis que até agora pertenceram às mesas prelatícias.

No que tange ao regime das dioceses e à sua administração, à eleição do Vigário Capitular na sedisvacância, observe-se cuidadosamente o que prescrevem os Sagrados Cânones. Quanto, porém, à erecção de Seminários, encarecemos que sejam fundados de acordo com as leis comuns da Igreja e da Sagrada Congregação para Educação Católica, tendo em consideração o Decreto do Concílio Vaticano II, "Optatam totius". Promovam-se nas novas dioceses iniciativas pastorais e de modo especial se fomentem nelas as vocações sacerdotais com tal zelo que, a seu tempo se enviem a Roma, para o Pontifício Colégio Pio Brasileiro, jovens escolhidos para se formarem nas disciplinas filosóficas e teológicas. No que respeita ao clero que antes estava ligado a essas prelazias, a partir de agora, cada qual seja adscrito à sua nova Diocese. Finalmente nomeamos Bispos e Pastores dessas dioceses os mesmos que estavam à frente das Prelazias e os liberamos de qualquer vínculo anterior. E isto que determinamos por estas Letras,

o venerando irmão Carmine Rocco, já mencionado, leve a termo ou por um sacerdote por ele delegado. Quem quer que execute esta tarefa, redija os Documentos de tudo o que foi levado a efeito e os envie a Roma, em exemplares autênticos, para a Sagrada Congregação dos Bispos, devidamente assinados e selados.

Queremos que esta Constituição se torne eficaz, nada obstando em contrário.

Dado em Roma, junto de S. Pedro, aos 16 de outubro do ano do Senhor de 1979, segundo de nosso Pontificado.

+ Sebastião, Cardeal Baggio  
Prefeito da S. Congregação para  
os Bispos

Augustinos, Card. Casaroli  
a Publicio Eccl. Negotiis



## ANEXO C – Livro de Tombo, nº 1, Criação da Paróquia de Mozarlândia.

Ao ser enviada a Prelazia, Mozarlândia pertencia a paróquia de Rubiataba. P. Bariani foi o primeiro padre que deu lá uma assistência espiritual mais intensa e contínua:


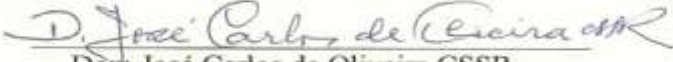
Começou a Igreja Matriz e a Casa Paroquial. Hoje lá estão o Pe. Vigário, P. Furlani, dois irmãos maristas e três irmãs trabalhando pelo Reino de Deus entre almas abandonadas.

Março -  
 02.03.68. Uma grande iniciativa em Rubiataba. Hoje sábado que precede o 1º domingo da quaresma, como todo episcopado brasileiro resolveu lançar com mais intensidade este ano a Campanha da Fraternidade, o Sr. Bispo e o Pe. Vigário resolveu convocar os homens de Rubiataba para organizar a campanha. Na reunião surgiu uma ideia de maior amplitude. Combinou-se fundar aqui uma organização semelhante àquela que já existe em Jataí ou seja a organização dos "Homens de Rubiataba". Foi muito animada a primeira reunião que contou até com a presença do Pe. Provincial de S. Paulo, Pe. Ribola e vice de Goiânia Pe. Costa, que se achavam aqui em visita aos seus padres redentoristas.

A ideia desta organização foi do Sr. Bispo Luis que vai pegar bem. Nesta reunião ficou resolvido que iria nos reunir em frequência e combinaríamos levantar o dinheiro necessário para o acabamento do ginásio local.

03.03.68. Sr. Bispo, Pe. Provincial (Ribola) e Pe. Costa, Pe. Belli partem para Goiânia. Encravamos na estrada, mas chegamos. O Pe. Vigário foi até Jataí combater pessoalmente a organização de D. Benedito. "Os homens de Jataí" buscam o regulamento da mesma para nossa organização. D. Benedito recebe o vigário muito bem. Não

## ANEXO D – Decreto de Criação da Paróquia Nossa Senhora do Perpétuo Socorro.

	<p>Diocese de Rubiataba - Mozarlândia -GO          CNPJ - 01.388.867/0001-29          Rua Xixá, 100 - Cx. Postal 46 - Fone- (0xx62) 325-1211 - Fax - 325-1744          76350-000 - Rubiataba - GO</p>
<p><b>DOM JOSÉ CARLOS DE OLIVEIRA</b></p>	
<p>Por mercê de Deus e da Santa Sé Apostólica</p>	
<p>Bispo da Diocese de Rubiataba – Mozarlândia.</p>	
<p><b>DECRETO Nº 04/83 – Cria a Paróquia de Mozarlândia</b></p>	
<p>Aos que presente Decreto virem paz e benção no Senhor.          Tendo em mente atender as necessidades espirituais e pastorais da região que abrange o município de Mozarlândia, depois de termos estudado a realidade e constatado as conveniências com o Presbitério,  <b>RESOLVEMOS:</b></p>	
<p><b>CRIAR A PARÓQUIA DE NOSSA SENHORA DO PERPÉTUO SOCORRO</b> de Mozarlândia, que ocupará o território do atual município de Mozarlândia.</p>	
<p>Assim pelo presente Decreto, constituímos e erigimos a Paróquia de Nossa Senhora do Perpétuo Socorro de Mozarlândia com os mesmos limites do território municipal.</p>	
<p>Confiamos aos fiéis cristãos que estão no território de Mozarlândia a nova Paróquia e pedimos-lhes que assumam a evangelização e manutenção das obras paroquiais e seus ministros.</p>	
<p>O presente Decreto entrará em vigor na data de sua publicação perante a Comunidade Paroquial, devendo o mesmo ser registrado no Livro do Tombo.</p>	
<p>Dado e passado na Cúria Diocesana, em Rubiataba, aos oito (08) de dezembro de 1983.</p>	
<p>          Dom José Carlos de Oliveira CSSR          Bispo Diocesano</p>	
<p>PROTOCOLO          Livro <u>01</u>          Fl <u>02v-03</u>          Nº <u>41</u> Data <u>08.12.83</u></p>	

Fonte: Cúria Diocesana. (Rubiataba–GO)